



Autor _ KAREL TCHÁPEK
Título _ A FÁBRICA DE ROBÔS

- Copyright** _ Hedra 2017
- Tradução**© _ Vera Machac
- Título original** _ *R.U.R. Rossumoví univerzální roboti*
- Edição consultada** _ Praha: Československý spisovatel, 1958
- Agradecimento** _ a Eva Barbara Machac Carlone
- Corpo editorial** _ Adriano Scatolin,
Alexandre B. de Souza,
Bruno Costa, Caio Gagliardi,
Fábio Mantegari, Iuri Pereira,
Jorge Sallum, Oliver Tolle,
Ricardo Musse, Ricardo Valle
- Dados** _
- Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
- C24 Tchápek (1890–1938)
- A fábrica de robôs. / Karel Tchápek.
Tradução de Vera Machac.
Introdução de Aleksandar Jovanović.
– São Paulo: Hedra, 2010. 153 p.
- ISBN 978-85-7715-161-5
1. Literatura Tcheco-Eslovaca.
2. Teatro. 3. Robótica. I. Título.
II. Tchápek, Karel (1890–1938).
III. Machac, Vera, Tradutora.
IV. Jovanović, Aleksandar, Introdução.
- CDU 885
CDD 891.86
- Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922
- Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil
- EDITORA HEDRA LTDA.
- Endereço** _
- R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
- Telefone/Fax** _ +55 11 3097 8304
- E-mail** _ editora@hedra.com.br
- Site** _ www.hedra.com.br
- Foi feito o depósito legal.

-
-

- Karel Tchépek** (Boêmia, 1890–Praga, 1938) é um dos
- mais celebrados autores tchecos do século XX.
 - Romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta, Tchépek foi também contista de talento notável, deixando uma vasta produção. Karel saiu jovem de sua cidade natal, situada ao norte da Boêmia. Aos onze anos, foi enviado ao ginásio em Hradec Králové, onde começou a escrever
 - os primeiros textos. Em 1904, na cidade de Brno, publicou dois poemas no semanário *Domingo*. Em Praga, estudou filosofia e estética e começou a colaborar nos diários mais influentes da capital tcheca com artigos sobre literatura e arte. Também teve uma passagem acadêmica na França e Alemanha, onde estudou a cultura germânica. Homem de pensamento livre, tornou-se o representante máximo da cultura democrática de seu país, advertindo os compatriotas e o mundo a respeito do perigo dos fundamentalismos ideológicos, que varreriam a democracia e a cultura humanística tanto do Velho Continente quanto de qualquer outro ponto no mapa-múndi. Tchépek e seu irmão Josef combateram abertamente o nazismo e qualquer forma de totalitarismo, e chegaram a ser declarados inimigos públicos de Berlim. Josef, pintor e escritor, foi enviado em 1939 para o campo de concentração de Bergen-Belsen, de onde nunca retornou. Tchépek faleceu em decorrência de uma pneumonia, três meses após a anexação dos Sudetos pelo regime nazista.

-
-

A fábrica de robôs (1920), drama em três atos, pertencente ao ciclo de obras distópicas de Tchépek, apresenta um mundo onde o avanço indiscriminado da ciência e da técnica deflagra uma crise sem precedentes que ameaça a própria humanidade. Um cientista descobre a fórmula capaz de dar vida a máquinas de aparência humana, gerando um desequilíbrio radical no modo de produção e tornando a mão de obra humana obsoleta. Essas “criaturas” artificiais, desprovidas de sentimentos e criatividade, passam a exercer todas as atividades braçais, com consequências nefastas para os homens. A palavra “robô”, cujo significado em tcheco é “servidão; trabalho forçado”, e que seria incorporada em quase todas línguas, foi cunhada e usada pela primeira vez nessa peça, encenada a partir de 1921 na Europa, com enorme repercussão. Tanto o stalinismo quanto o nazismo ainda estavam sendo gerados no ano em que a peça foi redigida, mas esta obra constituiu um alerta contra os fundamentalismos ideológicos que, logo mais, se abateriam sobre o mundo.

Vera Machac formou-se no Colégio Bilíngue associado à Cultura Inglesa, em Praga, estudando a língua tcheca e o inglês. Mudou-se da Tchecoslováquia (atual República Tcheca) para o Brasil em 1951. Coursou tradução e interpretação na Associação Alumni e é tradutora juramentada da Junta Comercial de São Paulo (JUCESP) desde 2000.

Aleksandar Jovanović é doutor em Semiótica e Linguística, professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e ensaísta e tradutor de línguas da Europa Centro-Oriental. Dentre outros livros, traduziu, do tcheco, *Histórias apócrifas* (Editora 34, 1994), de Karel Tchépek, e *Nem santos nem anjos* (Record, 2006), de Ivan Klíma; do húngaro, *História da literatura universal do século xx* (UnB, 1990), de Miklós Szabolcsi, e *A exposição das rosas* (Editora 34, 1993), de István Örkény. Do sérvio, organizou, prefaciou e traduziu as antologias *Literatura iugoslava contemporânea – Sérvia* (1987) e *Caracol estrelado: poesia sérvia contemporânea da segunda metade do século xx* (2008).

SUMÁRIO

Introdução, por Aleksandar Jovanović	9
a fábrica de robôs	25
Abertura	31
Ato I	65
Ato II	103
Ato III	133

INTRODUÇÃO

OS PRIMÓRDIOS da literatura tcheca remontam ao século X da era vulgar, quando as lendas de São Venceslau foram redigidas em eslavo eclesiástico, idioma que representa o primeiro registro de uma língua eslava e que se tornou o veículo litúrgico da ortodoxia entre os eslavos. Até por volta do século XV, crônicas em latim, hinos, romances em prosa e textos sobre histórias de cavalaria constituíam o cerne da atividade literária. Costuma-se atribuir a Tomáš Štítný [pronuncia-se Tomách Ch-titni] (c. 1331–1401) o papel de primeiro escritor de importância em terras tchecas. Com efeito, ocorreu um florescimento da literatura tcheca no apagar das luzes da Baixa Idade Média. A reforma linguística legada por Jan Hus ou Jan Husinecký [pronuncia-se Yan Khússinetski] (1371–1415) legou às gerações seguintes do Renascimento um idioma bem estruturado, mas a Guerra dos Trinta Anos (1618–1648) resultou em opressão política que a dinastia dos Habsburgos se encarregaria de comandar. Com isso, o renascimento efetivo da língua tcheca como veículo literário surgiria apenas no final do século XVIII e início do XIX, com as figuras do filólogo Josef Dobrovský (1752–1829), do poeta romântico Karel Hinec Mácha [pronuncia-se Mákha] (1810–1836) e da romancista Božena

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

- 10 | Němcová [pronuncia-se Bójena Niémťsova] (1820–1862). No final do século XIX, seguramente Jan Neruda (1834–1891), ensaísta e poeta, emergiu como personagens de destaque e, no princípio do século passado, os poetas Petr Bezruč [pronuncia-se Bezrutch] (1867–1958) e Otakar Březina [pronuncia-se Bjezina] (1868–1929). É nesse contexto que aparece o autor do presente livro.

KAREL TCHÁPEK E O INUSITADO
A SERVIÇO DA HUMANIDADE

Karel Čapek (pronuncia-se Tchápek)¹ nasceu em 9 de janeiro de 1890 em Malé Svatoňovice (pronuncia-se Svátomyovitse), então Austro-Hungria, hoje República Tcheca, e morreu em Praga, no dia 25 dezembro de 1938. Era filho do médico Antonín Tchápek. Tinha dois irmãos: Josef (1887–1945) e Helena (1886–1969). Todos possuíam talento artístico: Josef, coautor de diversos textos de Karel, foi desenhista, ilustrador e pintor cubista; Helena também escrevia. Deixou um livro de memórias dedicado aos irmãos, sob o título *Meus queridos irmãos*. Josef chegou a trabalhar com Karel no *Národní listy* (Jornal Popular) e compartilhou o gosto pela jardinagem, habilidade herdada do pai e que, em 1929, resultou no livro *Zahradníkův rok* (O ano do jardineiro), escrito por Karel. Nosso personagem casou-se, em 1935, com a atriz Olga Scheinpflugová, a quem já conhecia

¹Por comodidade, optamos pela transcrição fonética na grafia do nome ao longo desta edição. [N. da E.]

KAREL TCHÁPEK

havia uns quinze anos. Após a morte do marido, Olga escreveu uma obra quase autobiográfica, intitulada *Český román* (O romance tcheco). | 11

Apenas três meses depois que o regime nazista exigiu a anexação dos Sudetos à Alemanha, Karel morreu de pneumonia. Menos sorte teve Josef, pois, quando as tropas nazistas invadiram a Tchecoslováquia, em março de 1939, a residência dos irmãos Tchépek foi um dos primeiros alvos da polícia política (ambos os irmãos combatiam, abertamente, o nazismo e qualquer forma de totalitarismo, tendo sido formalmente declarados inimigos públicos de Berlim) e, assim, o escritor e pintor Josef acabou no campo de concentração de Bergen-Belsen, de onde nunca retornou.

Karel saiu jovem de sua cidade natal, situada ao norte da Boêmia. Aos onze anos, foi enviado ao ginásio em Hradec Králové [pronuncia-se Khrádets Králove), onde começou a escrever os primeiros textos. Em abril de 1904, na cidade de Brno, apareceu seu primeiro texto impresso no jornal semanal chamado *Neděle* (Domingo): dois poemas intitulados “*Prosté motivy*” (Motivos simples). Depois, foi para Praga, estudou filosofia e estética e começou a colaborar, de modo muito ativo, nos diários mais influentes da capital tcheca com artigos sobre literatura e arte. Também teve uma passagem acadêmica na França e Alemanha, onde se embrenhou em estudos referentes à cultura germânica. Tornou-se logo autor teatral proeminente. Homem de pensamento livre, de bons costumes, tornou-se o máximo representante da cultura democrática de seu país,

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

- 12 | advertindo os compatriotas e o mundo a respeito do perigo dos fundamentalismos ideológicos, que varreriam a democracia e a cultura humanística tanto do Velho Continente quanto de qualquer outro ponto no mapa-múndi.

Não se deve olvidar o fato de que a Primeira Guerra Mundial exerceu forte influência sobre a geração a que o escritor pertenceu. O conflito fez impérios explodirem, matou milhões de pessoas nos mais diversos países do planeta, redesenhou mapas políticos no mundo (a própria Tchecoslováquia surgiu, como país independente, em consequência do esfacelamento do Império Austro-Húngaro) e sinalizou, de modo claro, através do emprego da tecnologia (aviões, gases venenosos, armas de repetição, tanques etc.), que a ciência moderna poderia ser (e foi) empregada para ceifar vidas humanas, de forma impiedosa, bestial.

O humor sutilmente corrosivo de muitos dos textos de Tchépek pode ser associado aos escritos de Jaroslav Hašek [pronuncia-se Yároslav Kháchek] (1883–1923), autor do romance *Osudy dobrého vojáka Švejka za světové války* (O destino do bom soldado Chveik), que também se tornou universalmente conhecido. Por outro lado, ambos podem ser considerados fundadores de uma linha de culto ao absurdo na literatura tcheca, cujos sucessores, entre outros, são Vladimír Páral (1932–) e Bohumil Hrabal (1914–1997), todos eles autores de uma prosa grotesca, porém eloquente, marchetada de modo cuidadoso e que põe em relevo as distorções resultantes da burocratização e da alienação. No

KAREL TCHÁPEK

cinema tcheco, Jiří Menzel (1938–) encarna a linha de culto ao absurdo e grotesco, de modo inteligente e original, fato que sinaliza um vínculo entre esses escritores e o cineasta quanto ao modo de conceber a representação da realidade. | 13

É impossível imaginar o rico cenário cultural tcheco e eslovaco do entreguerras sem pensar nos irmãos Tchépek, tal foi a importância de ambos. Karel e o irmão conviviam, de modo constante, com o também autor teatral e diretor de cinema Vladislav Vančura [pronuncia-se Vántchura] (1891–1942) e o escritor, humorista e jornalista Karel Poláček (1892–1945), figuras de relevo no mundo intelectual da época.

Convém salientar que foram contemporâneos de Vítězslav Nezval (1900–1958), poeta que desempenhou papel importante no desenvolvimento da vanguarda poética e artística de seu país, foi um dos animadores do movimento denominado poetismo e também do surrealismo, tendo se vinculado a figuras internacionais como Paul Éluard e André Breton. Também, nesse período, começou a produzir as suas obras o poeta Jaroslav Seifert (1901–1986), prêmio Nobel de literatura, e o poeta František Halas (1901–1949), ensaísta e tradutor, um dos líricos mais importantes da literatura tcheca do século XX, que também merece ser lembrado como figura de proa da época. Tampouco deve-se esquecer que Tchépek começou a escrever poucos anos antes do desaparecimento de Franz Kafka (1883–1924), escritor tcheco que

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

- 14 | produziu sua obra em alemão e cuja influência foi fundamental.

O período inicial da carreira literária de Karel Tchépek situa-se por volta de 1910, quando ainda cursava filosofia. Seu primeiro livro, coleção de breves contos, intitulado *Boží muka* (O suplício de Deus) viu a luz em 1917 e, no mesmo ano, foi publicada a coleção de contos *Trapné povídky* (Histórias aflitivas). Ambos os livros expressavam ansiedades e incertezas e insinuavam a existência de mistérios que os homens talvez jamais fossem capazes de desvendar. Nesse período, escreve mais duas obras: *Loupežník* (Salteador) e uma coletânea de traduções intitulada *Francouzská poezie nove doby* (Poesia francesa contemporânea). A influência exercida pelo Pragmatismo — escola de filosofia de origem norte-americana, marcada pela descrença no fatalismo e pela certeza de que só a ação humana, movida pela inteligência e pela energia, pode alterar os limites da condição humana — resultou, ainda em 1918, no volume intitulado *Pragmatismus čili filosofie praktického života* (Pragmatismo ou a filosofia da vida prática).

No princípio da década de 1920, os irmãos Tchépek deixaram o jornal em que trabalhavam e, assim, a atividade literária de Karel pareceu tomar maior ímpeto. Começa a produzir obras voltadas para temas utópicos e distópicos: *A fábrica de robôs*, escrito em 1920, logo acaba sendo traduzido para o inglês em 1923, fato que impele o rápido reconhecimento internacional do autor. Também são desse período *Věc Makropulos* (O caso Ma-

KAREL TCHÁPEK

kropulos), *Továrna na absolutno* (A fábrica do absoluto) e o romance *Krakatit* (o título da obra evoca o verbo *krákat*, grasnar). Em 1929, o autor escreve uma coleção de histórias rotuladas como *Povídky z jedné a z druhé kapsy* (Contos de um e outro bolsos), histórias escritas em linguagem coloquial. Datam do começo dos anos 30, suas colunas publicadas em jornal e que se dedicam a abordar a vida cotidiana. Também publica uma história infantil *Dašenka čili život štěněte* (Dáchenka ou a vida de uma cadelinha), e seus diários de viagens, escritos há quase oito décadas, foram capazes de tingir com tintas multicoloridas a imagem de países como a Grã-Bretanha, Itália, Espanha e Holanda. Entre 1928 e 1935, publicou três volumes resultantes de suas conversas com o primeiro presidente da Tchecoslováquia, Tomáš G. Masaryk (1850–1937). Tchápek teve amizade bastante íntima com Masaryk, figura com quem conviveu bastante e que teve papel fundamental na criação do estado tchecoslovaco. | 15

Karel Tchápek notabilizou-se por escrever com humor, inteligência, a respeito de grande diversidade de temas, e também por utilizar a língua tcheca com elevado grau de maestria. Muito antes de a ficção científica ter sido reconhecida como gênero literário independente, abordou questões seminais referentes à evolução do ser humano sobre a face da terra. Muitas de suas obras discutem os aspectos éticos das invenções que marcaram o século passado e, além de colocar em relevo assuntos como a produção de armas nucleares ou modos de

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

- 16 | inteligência pós-humana, expressou considerável receio em relação a desastres porvindouros, na Europa e no mundo, tais como violência e poderes ilimitados das grandes corporações, regimes tirânicos, tentando vislumbrar meios para salvar a humanidade da autodestruição. Sob alguns aspectos, ele e os escritores ingleses Aldous Huxley (1894–1963) e George Orwell (1903–1950), também autores de obras de ficção fundamentais na história literária do século XX, parecem compartilhar temores similares com a possibilidade de a liberdade individual ser esmagada por Estados autoritários e/ou totalitários. O dramaturgo irlandês George Bernard Shaw (1856–1950) expressava bastante admiração pelas obras de seu colega tcheco e foi um dos responsáveis pela forte repercussão que a peça *A fábrica de robôs* teve na intelectualidade europeia.

R.U.R. (Rosumoví univerzální roboti), ou seja, “Robôs Universais Rossum” — traduzido para o português, neste texto, como *A fábrica de robôs* — tem, no original, um título que joga com as assonâncias das palavras: “Rossum”, transformado em nome de família lembra, em tcheco, o substantivo masculino *rozum*, ou seja, razão, intelecto, entendimento, ao passo que a palavra *robot* (cuja invenção o escritor atribuiu ao irmão Josef e que ingressou no universo lexical de quase todas as línguas contemporâneas) tem ligação etimológica com a raiz do eslavo eclesiástico *rob* (робъ), “escravo”, e, em tcheco, com o substantivo feminino *robota*, “trabalho forçado” ou “trabalho físico ex-

KAREL TCHÁPEK

tenuante”, e com o verbo *robotit*, “matar-se trabalhando”. Em várias outras línguas eslavas, o universo morfofonológico e semântico desses termos é similar: em russo, búlgaro, sérvio e macedônio, *rabota* (paḡora) quer dizer “trabalho” ou “trabalho físico”, “faina”; em polonês e eslovaco, *robota* quer dizer “trabalho” ou “trabalho físico”. “Robô”, termo que se universalizou, não tem no texto de Tchápek apenas o sentido de autômato de aspecto humano; o significado é mais amplo e próximo do de andróide, ou ser humano artificial, não natural.

Há uma longa linha, sinuosa, de antecessores históricos do tema distópico (ou da antiutopia) e dos seres inanimados que se tornam animados. Primeiro, cabe lembrar a lenda grega de Prometeu, o titã que roubou o fogo dos deuses, presenteou-o aos homens — feitos de barro —, de modo a torná-los superiores às outras espécies vivas. Os deuses do Olimpo grego condenaram Prometeu a ficar acorrentado durante 30 mil anos, enquanto um abutre lhe devoraria de modo incessante o fígado. Talvez não por acaso o substantivo grego *promethēs* signifique antevisão. Depois, e mais ainda, o tema está vinculado à lenda judaica do Golem, o ser animado feito de material inanimado que, produzido pelo homem para defendê-lo de outros homens (dos ataques antissemitas, mais exatamente), acaba se tornando mau e incontrolável a ponto de precisar ser destruído. Ao rabino Judah Loew (1525–1609), de Praga, é atribuída a fixação do primeiro texto referente ao Golem, ao passo que o prêmio Nobel de Literatura Isaac Bashevis Singer (1902–1991)

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

- 18 | publicaria, em 1969, a sua própria versão. Séculos depois, a escritora britânica Mary Shelley (1797–1851) lançou em 1818 o romance *Frankenstein ou o moderno Prometeu*, texto que aborda a criação artificial de um ser humano e cujas ações fogem ao controle do criador. Jack London (1876–1916) publica *The Iron Heel* (O Tacon de Ferro) em 1908 — antevisão de uma ditadura totalitária de direita nos Estados Unidos da América. Há outros textos que enveredam por raciocínio similar e abordam o perigo de o controle dos atos humanos fugir à espécie a que pertencemos: Herbert George Wells (1866–1946) publica, em 1895, *A máquina do tempo* e o russo Ievguêni Zamiátin (1884–1937) redige um romance — *My* (Nós) —, cujo tema central é o fato de as pessoas viverem no futuro sob um governo autoritário que controla a vida de todos.

Um dos temas fundamentais que o autor aborda é o temor do mau uso da ciência e da tecnologia, cuja primeira vítima seria o homem comum. As graves sombras da Primeira Guerra Mundial, encerrada em 1918, ainda anuviavam o horizonte, quando Karel começava a beirar a idade de 30 anos. No que concerne aos riscos de deturpação das conquistas científicas, não por acaso, nove décadas após a publicação de *R.U.R.* um dos debates éticos mais importantes está relacionado, na atualidade, com a clonagem de seres vivos, fato que, de certo modo, a ficção de Tchépek deixou antever, embora sua época fosse marcada ainda pelo taylorismo, ou seja, o máximo de produção e rendimento com o mínimo de tempo e de esforço e pela desmesu-

KAREL TCHÁPEK

rada apologia da técnica, do “progresso” e das máquinas. Ao mesmo tempo, suas obras permitem entrever o temor de que complexos industriais colossais fossem capazes de ameaçar a identidade humana ou que exércitos de robôs insensíveis ou insetos assustadores adquirissem traços humanos e apagassem, na prática, as fronteiras entre realidade e ficção. | 19

A fábrica de robôs (aqui, numa tradução escorreita, diretamente do original em tcheco), trata de um tema pouco comum à época em que foi escrito, no ano de 1920. A peça, em três atos, encenada em 1921 no Teatro Nacional de Praga, discorre a respeito de seres artificiais, trabalhadores incansáveis e infalíveis, desprovidos de todas as “qualidades desnecessárias” que marcam os seres humanos, ou seja, não possuem criatividade alguma, não sentem dor nem possuem qualquer espécie de sentimentos. Nessa sociedade, imaginada por Tchépek, os robôs acabam assumindo todos e quaisquer encargos humanos, de modo a racionalizar por completo o processo de produção. Enquanto se atingem níveis máximos de produtividade, a vida humana torna-se banal, monótona, quase sem horizontes, e os homens submergem no gigantesco complexo técnico-industrial como ingrediente praticamente sem importância. Com isto, o autor propõe a seguinte reflexão: Que benefícios para a humanidade poderiam resultar de um invento revolucionário como esse?

Uma das respostas está no próprio texto, sob a forma de representação alegórica: a raciona-

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

20 | lização absoluta e a desumanização podem conduzir somente à revolta, à libertação dos grilhões e à aniquilação dos opressores. Os robôs revoltam-se na peça de Tchápek, destroem o sistema. Os humanos, peças minimalistas e desprovidas de importância, encravados no interior de uma sociedade insensível, nem mesmo são mais capazes de perpetuar a própria espécie. Por isso, são os robôs que assumem a linha de frente e acabam extinguindo não somente a sociedade que os criou, mas também a espécie – hipoteticamente racional e superior às demais espécies — que os produziu. Novo pensamento profundo do autor, que sinaliza o fato de que grandes perigos podem estar mascarados sob a imagem de fórmulas miraculosas, visões grandiloquentes, que objetivam oferecer à humanidade prosperidade, redenção de qualquer espécie e boa fortuna. Tanto o stalinismo quanto o nazismo ainda estavam sendo gerados no ano em que a peça foi redigida, mas, sem sombra de dúvida, o texto constituiu um alerta contra os fundamentalismos ideológicos que, logo mais, se abateriam sobre o mundo e que se multiplicariam ainda, anos a fio, nos mais remotos rincões do globo terrestre.

Um dos personagens de *A fábrica de robôs*, Domin, diretor da fábrica, vaticina que, no período de uma década, sua unidade produziria volume tão significativo de produtos, que eles deixariam de possuir qualquer valor de troca e que, nesse momento, os homens simplesmente poderiam recolher tanto quanto desejassem ou necessitassem. Por conseguinte, as pessoas poderiam passar a vida em cons-

KAREL TCHÁPEK

tante e eterna fruição, sem precisar dar atenção | 21
a pequenas, mas incessantes preocupações com o cotidiano. Alquist, herói da peça que defende valores humanistas básicos e parece temer promessas utópicas, profere uma longa prece, cujo final reza: “Protege a espécie humana da destruição...” Tema singularmente atual, quando há dirigentes de nações que se batem, de todas as formas, com o intuito de dotar suas nações de bombas nucleares, cuja potência e efeito devastador seriam capazes de varrer qualquer forma de vida do planeta. Tchápek contrapõe o velho Rossum, fundador da grande fábrica de robôs, e o homem artificial, indicando que haveria uma linha de continuidade entre o materialismo científico do século XIX e os seres insensíveis, não humanos, fato que resultaria na superfluidade de o homem crer na existência de uma inteligência superior no universo, visto que ele próprio, ser humano, teria assumido o controle sobre todas as coisas.

De modo significativo, o autor confere ao tempo dramático um tratamento pouco comum: intitula *A fábrica de robôs* de “drama coletivo”, cujos personagens acabam sendo simplesmente aniquilados. A extinção da espécie, contudo, não resulta da ação e/ou vontade de um *deus ex machina* (no teatro grego da Antiguidade, uma inesperada, artificial ou improvável personagem, artefato ou evento introduzido de modo repentino para resolver uma situação ou desembaraçar uma trama), mas na revolta do homem contra as leis da natureza, que pre-

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

22 | tende dominar e submeter à sua própria minúscula vontade.

Em 1923, publica *Věc Makropulos* (O caso Makropulos) que, três anos depois, seria encenada na cidade de Brno como ópera, composta por Leoš Janáček [pronuncia-se Léoch Yánatchek] (1854-1928) e cujo libreto o compositor baseou na peça de Tchépek. O texto satiriza a infundável busca humana pela imortalidade e pela fortuna. Narra a história de Hieronymus Makropulos, médico da corte do imperador Rudolph II de Habsburgo que, em 1565, descobre o elixir da longevidade. O imperador, sem dar crédito ao invento, obriga a filha, Elina, a beber a poção. Makropulos morre preso, mas a princesa realmente passa a ter vida quase imortal e, a cada seis ou sete décadas, troca de identidade, conservando, contudo, as iniciais E.M. No começo do século XIX, quando encarnava a cantora escocesa Ellen MacGregor, teve uma aventura amorosa em Praga como o barão Prus, de quem gerou um filho, Ferdinand MacGregor. O barão morre e a herança vai para um primo. Ferdinand aparece como novo pretendente à fortuna e a pendência judicial entre as famílias Prus e MacGregor vai durar mais de um século.

Entre 1933 e 1934, publica três romances — *Hordubal*, *Povětroň* (Meteoro) e *Obyčejní život* (Uma vida comum) — que lidam com aspectos particulares da vida humana. Deixou uma obra inacabada — *A vida do compositor Foltýn*.

KAREL TCHÁPEK

Em 1936, publicou *A guerra das salamandras*,² | 23
romance de literatura fantástica, sobre uma espécie
de salamandra inteligente, com grande capacidade
de aprendizagem. Num texto carregado de fina
ironia e que põe a nu a ganância humana, Tchápek
mostra que os répteis são subjugados e escravi-
zados pelos humanos, com o objetivo único de
tirar proveito máximo da inteligência dos animais.
No entanto, em decorrência da alta capacidade de
aprendizagem, as salamandras passam a ter von-
tade própria e reproduzem-se rapidamente. São
perspicazes a ponto de perceber que são explora-
das, fundam sindicatos para defender os próprios
direitos e revoltam-se, pondo em xeque a posição
dominante do homem na terra. Ao assumir o
controle das coisas, contudo, as salamandras imi-
tam o comportamento humano, numa clara alusão
alegórica ao fato de que se deveria aprender com
os erros alheios, e também a evitá-los, e de que
a ganância é um mal capaz de jungir até os seres
mais inteligentes do planeta. Ao antropomorfizar
os personagens do texto, o escritor põe a nu os hu-
manos, apontando-lhes os defeitos e retratando-os
como indivíduos que podem tornar-se inescrupulo-
sos, gananciosos e aturdidos. Esta obra e, ainda,
Bíla nemoc (Enfermidade branca)³ e *Matka* (Mãe)
pertencem à derradeira fase da vida do escritor,

²Publicado em 1988 pela Editora Brasiliense, em
tradução indireta de Rogério Silveira Muioio. [N. da E.]

³Publicado no Brasil como *A doença branca*. Rio de
Janeiro: Z. Valverde, 1942. [N. da E.]

INTRODUÇÃO, POR ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

24 | quando se empenhou, mais do que nunca, em combater a crescente influência do nazi-fascismo na Europa. Seu nome foi indicado para o Prêmio Nobel de literatura, mas hoje parece comumente aceita a ideia de que a Academia Sueca não quis arriscar-se — num mundo cada vez mais dominado, à época, pela máquina de guerra nazista — concedendo a láurea a um escritor que figurou entre os mais ardorosos opositores ao regime nefasto que havia tomado o poder em Berlim.

Nas últimas décadas, a literatura tcheca passou a ser mais conhecida por intermédio das obras de escritores como Milan Kundera (1929–) ou Ivan Klíma (1931–). No entanto, o humor satírico e corrosivo, o absurdo da condição humana em decorrência da implantação e atuação de regimes totalitários e da ambição pelo poder cultuada pelos homens, ou temas correlatos [todos eles explorados *ad nauseam*, por exemplo, pelo escritor russo Vladímir Voinóvitch (1932–), sobretudo no romance *A vida e as aventuras extraordinárias de soldado Iván Tchomkin* (Жизнь и необычайные приключения солдата Ивана Чонкина)], sinalizam, de modo incisivo, que escritores da estatura de Jaroslav Hašek e, sobretudo, Karel Tchápek não somente sobreviveram à sua própria época, mas também legaram-nos uma visão de mundo ancorada em profundo caráter humanista, e, talvez por isso mesmo e repetidas vezes, tenham retomado a clássica chave do *ridendo castigat mores*.

A FÁBRICA DE ROBÔS



PERSONAGENS

HARRY DOMINDiretor da fábrica Robôs Universais
Rossum

ENGENHEIRO FABRYdiretor técnico da R.U.R.

DR. GALLsupervisor do Departamento Fi-
siológico
e de Pesquisas da R.U.R.

DR. HALLEMEIERgerente do Instituto de Psi-
cologia e Educação dos robôs.

CÔNSUL BUSMANDiretor comercial da R.U.R.

ENGENHEIRO CIVIL ALQUISTsupervisor de
obras da R.U.R.

HELENA GLORY

NANAsua governanta

MARIUSrobô

SULLArobô

RADIUSrobô

DAMONrobô

ROBÔ 1

ROBÔ 2

ROBÔ 3

ROBÔ 4

PRIMUSrobô

HELENArôbô

ROBÔ SERVIÇAL

VÁRIOS ROBÔS

PERSONAGENS

28 | DOMINna introdução com cerca de 38 anos, alto, sem barba.

FABRYtambém sem barba, loiro, sério e refinado.

DR. GALLmiúdo, vivo, moreno, com bigode preto.

HALLEMEIERrobusto, barulhento, com bigode ruivo inglês e cabelo ruivo cortado rente.

BUSMANjudeu gordo, calvo e míope.

ALQUISTmais velho do que os outros, desleixado no vestir, de cabelos e barba grisalhos e compridos.

HELENAmuito elegante.

Na peça propriamente dita todos são dez anos mais velhos do que na Abertura. Na Abertura os robôs estão vestidos como pessoas. São concisos nos movimentos e pronúncia, rostos sem expressão, olhar fixo. Na peça eles vestem blusões de linho, presos com um cinto na cintura e, no peito, um número de latão.

Após a Abertura e o Segundo Ato há um intervalo.

Escritório central da fábrica Robôs Universais Rossum. Entrada pela direita. Pelas janelas da parede frontal avistam-se linhas infinitas de prédios de fábrica. À esquerda estão as outras salas de diretores.

DOMIN está sentado numa cadeira giratória perto de uma grande escrivaninha americana. Em cima da mesa há uma lâmpada, um telefone, alguns pesos, um arquivo para cartas etc. Na parede esquerda veem-se grandes mapas com linhas de transporte fluvial e marítimo e linhas de estradas de ferro, um calendário grande, um relógio marcando pouco antes do meio-dia; na parede direita há cartazes afixados: “O trabalho mais barato: robôs de Rossum”, “Robôs tropicais, nova invenção: 150 dólares a peça”, “Comprem o seu próprio robô”, “Deseja baratear seus produtos? Encomendem robôs de Rossum”.

Além disso há outros mapas, um guia de horários de navios, uma tabela com anotações telegráficas de itinerários etc. Contrastando com essa decoração de paredes, vê-se no assoalho um lindo tapete turco, à direita uma mesa redonda, um sofá, poltronas de couro e uma biblioteca na qual estão

ABERTURA

30 | *guardadas, em vez de livros, garrafas de vinho e de aguardentes. À esquerda há um cofre. Ao lado da mesa do Domin há uma máquina de escrever, na qual Sulla está escrevendo.*

Domin *Ditando.* "...que não damos garantia pelas mercadorias danificadas no transporte. Já avisamos ao seu capitão, durante o carregamento, que o navio não está em condições de transportar robôs, de modo que o estrago do carregamento não fica por nossa conta. Assinamos pela Robôs Universais Rossum". Pronto?

Sulla Sim.

Domin Nova folha. Friedrichswerke, Hamburgo. Data. "Acusamos a encomenda de quinze mil robôs..." *Toca o telefone, DOMIN atende e fica falando.* Alô. Aqui é a central, sim, certamente. Mas sim, como sempre. Com certeza, mandem um telegrama para eles. Está bem. *Desliga o telefone.* Onde parei?

Sulla "Acusamos a encomenda de quinze mil robôs..."

Domin *Pensativo.* Quinze mil R. Quinze mil R.

Marius *Entra.* Senhor diretor, uma senhora está pedindo...

Domin Quem?

Marius Não sei. *Apresenta um cartão de visita.*

Domin *Lê.* Presidente Glory. Deixe-a entrar.

KAREL TCHÁPEK

Marius *Abre a porta.* Entre, senhora. *Entra* | 31
HELENA **GLORY.** **MARIUS** *sai.*

Domin *Levanta-se.* Por favor.

Helena Senhor diretor Domin?

Domin Às ordens.

Helena Estou me dirigindo a você...

Domin ... com o cartão do presidente Glory,
é suficiente.

Helena O Presidente Glory é meu pai. Sou
Helena Glory.

Domin Senhorita Glory, é uma grande honra
para nós que... que...

Helena ... que não podemos expulsá-la.

Domin ... que podemos cumprimentar a filha
do grande presidente. Por favor, sente-se. Sulla,
você pode sair. **SULLA** *sai.*

Domin *Senta-se.* Como posso ajudá-la, senho-
rita Glory?

Helena Eu vim...

Domin ... visitar a nossa fabricação em série
de pessoas, como todas as visitas. Não há pro-
blema.

Helena Pensei que fosse proibido...

Domin ... entrar na fábrica, com certeza.
Acontece que todo mundo vem aqui com o cartão
de alguém, senhorita Glory.

Helena E vocês mostram a todo mundo?

Domin Apenas uma parte, a fabricação de
pessoas artificiais é um segredo da nossa fábrica.

Helena Se você soubesse como isto me...

Domin Interessa tanto. A Velha Europa não
fala de outra coisa.

ABERTURA

32 | Helena Por que você não me deixa acabar de falar?

Domin Peço desculpas. A senhorita queria talvez dizer outra coisa?

Helena Eu apenas queria perguntar...

Domin ...se eu poderia fazer uma exceção e mostrar-lhe a nossa fábrica, senhorita Glory.

Helena Como você sabia que eu queria perguntar isso?

Domin Todos perguntam a mesma coisa. *Levanta-se.* Com todo respeito, senhorita, lhe mostraremos mais do que aos outros e — em suma...

Helena Obrigada.

Domin Se você prometer que não revelará a ninguém nem uma mínima parte do que viu.

Helena *Levanta-se e estende a mão.* Dou-lhe a minha palavra.

Domin Obrigado. A senhorita não quer tirar o véu?

Helena Ah, certamente, você quer ver — com licença.

Domin Não entendi.

Helena Se você pudesse largar a minha mão.

Domin *Larga a mão dela.* Desculpe.

Helena *Retira o véu.* Vocês querem ver se não sou um espião. São prudentes.

Domin *Observa com entusiasmo.* Hum... realmente... nós... isto é...

Helena Você não confia em mim?

Domin Plenamente, senhorita Hele... des-

KAREL TCHÁPEK

culpe, senhorita Glory. Realmente, estou muito | 33
contente. A senhorita fez boa viagem?

Helena Sim. Por quê?

Domin Porque... quero dizer que a senhorita
ainda é muito jovem.

Helena Vamos logo para a fábrica?

Domin Bom. Acho que uns vinte e dois, não
é?

Helena Vinte e dois o quê?

Domin Anos.

Helena Vinte e um. Por que você quer saber?

Domin Porque, por causa... *Entusiasmado*.
Você vai ficar mais tempo, não é?

Helena Depende da produção que você me
mostrar.

Domin Diabo de produção! Com certeza, se-
nhorita Glory, você vai ver tudo. Sente-se, por
favor. Estaria interessada na história da invenção?

Helena Sim, por favor. *Senta-se*.

Domin Então vamos lá. *Ele se senta em cima
da escrivaninha e observa HELENA. Está empol-
gado e fala rápido.* Foi no ano de 1920 que o
velho Rossum, um grande filósofo, mas naquela
época ainda um jovem cientista, viajou para uma
ilha distante para estudar a vida marinha, ponto.
Ao mesmo tempo, tentava reproduzir pela síntese
química uma massa chamada protoplasma e, de
repente, descobriu uma matéria que se comporta
exatamente como a matéria viva, apesar de ter
uma outra composição química. Isso foi em 1932,
exatamente quatrocentos e quarenta anos após o
descobrimento da América, ufa.

ABERTURA

34 | **Helena** Você decorou tudo isso?

Domin Sim; senhorita Glory, fisiologia não é meu ramo. Vamos continuar?

Helena Pode ser.

Domin *Solenemente.* Naquele momento, senhorita, o velho Rossum escreveu entre as suas fórmulas químicas o seguinte: “A natureza encontrou um meio de organizar a matéria viva. Entretanto, há um modo mais simples, mais maleável e mais rápido, que a natureza não encontrou. Este outro modo pelo qual a evolução da vida poderia continuar, eu encontrei hoje”. Imagine, senhorita, que ele escreveu essas palavras de grande importância encarando um esgarro semelhante a uma geleia coloidal que nem um cachorro comeria. Imagine que ele estava sentado olhando para uma proveta e pensava como dela cresceria toda a árvore da vida, como dela sairiam todos os animais, começando pelo organismo mais simples e terminando — terminando no próprio homem. Este homem, de outra matéria da qual nós somos feitos. Senhorita Glory, esse foi um momento de enorme importância.

Helena Continue.

Domin Continuar? Agora o problema era tirar a vida da proveta, acelerar a evolução e formar alguns órgãos, ossos, nervos, e seja o que for, e encontrar algumas matérias novas tais como catalisadores, enzimas e hormônios etc. Enfim, você compreende?

Helena Não sei... Acho que muito pouco.

Domin Eu, absolutamente nada. Sabe,

KAREL TCHÁPEK

usando aqueles líquidos ele podia fazer o que quisesse. Por exemplo, podia fabricar uma medusa com cérebro de Sócrates ou uma minhoca de 50 metros de comprimento. Mas, como não tinha nem um pouco de senso de humor, ele teimou em fazer um vertebrado normal ou talvez até um homem. E assim começou a fazê-lo. | 35

Helena O quê?

Domin Imitar a natureza. Primeiro tentou fazer um cão artificial. Demorou vários anos e no fim saiu um bezerro atrofiado que morreu alguns dias depois. Vou mostrar para você no museu. E depois o velho Rossum se pôs a fazer um ser humano.

Pausa.

Helena E não posso revelar isso a ninguém?

Domin Ninguém no mundo.

Helena Pena que a gente lê sobre isso em todos os jornais.

Domin Pena. *Sai de cima da mesa e senta-se ao lado de HELENA.* Mas você sabe o que não aparece nos jornais? *Bate com o dedo na testa.* Que o velho Rossum foi um louco formidável. Realmente, senhorita Glory, mas isso é um segredo. O velho excêntrico queria, na verdade, criar seres humanos.

Helena Mas vocês produzem seres humanos!

Domin Aproximadamente, senhorita Helena. Mas o velho Rossum tinha a intenção de fazê-lo literalmente. Você sabe, ele queria depor Deus de uma maneira científica. Era um grande materialista e por esse motivo fazia tudo isso. Ele queria

ABERTURA

36 | simplesmente provar que não havia a necessidade de um Deus. Por isso ele cismou de fazer um homem tim-tim por tim-tim como nós. Você conhece um pouco de anatomia?

Helena Muito... pouco.

Domin Eu também. Imagine que ele inventou de fabricar tudo até a última glândula, como no corpo humano. Apêndice, amídalas, barriga, coisas sem necessidade. Até... hum... glândulas sexuais.

Helena Mas essas...

Domin ... não são inúteis, eu sei. Mas se as pessoas seriam fabricadas, não seriam necessárias, não seria preciso... hum... de qualquer forma...

Helena Entendo.

Domin Vou mostrar para você no museu o que ele acabou reunindo ao longo de dez anos. Deve ter sido um homem, aquela coisa viveu três dias inteiros. O velho Rossum não tinha gosto nenhum. Foi horrível. Foi horrível o que ele fez. Mas dentro dele tinha tudo o que um ser humano tem. Francamente, um trabalho muito minucioso. E aí chegou o engenheiro Rossum, sobrinho do velho. Uma mente genial, senhorita Glory. Quando ele viu o que o velho estava aprontando, disse: "Isso é um absurdo, ficar fabricando uma pessoa durante 10 anos. Se você não o fabricar mais rápido do que a natureza, então é melhor desistir". E ele mesmo começou a estudar anatomia.

Helena Nos jornais é diferente.

Domin *Levanta-se.* Nos jornais só há propaganda paga, o que é um absurdo. Por exemplo, lá

KAREL TCHÁPEK

consta que os robôs foram inventados pelo velho. | 37
De fato, ele frequentou a universidade mas não tinha a mínima ideia sobre produção industrial. Pensou que faria pessoas de verdade, quer dizer, talvez novos índios, docentes ou idiotas, sabe? E finalmente o jovem Rossum teve a ideia de fazer disso máquinas de trabalho vivas e inteligentes. O que sai nos jornais sobre a colaboração de ambos os grandes Rossuns é uma invenção. Aqueles dois brigavam terrivelmente. O velho ateu não tinha a mínima ideia do que é a indústria, e no fim o moço o trancou num laboratório onde pudesse ficar brincando com os seus fracassos monumentais e começou a fabricar ele mesmo, à maneira de um engenheiro. O velho Rossum o amaldiçoou e até a sua morte conseguiu fazer com muito esforço mais dois monstros fisiológicos, até que, finalmente, foi encontrado morto no laboratório. E essa é toda a história.

Helena E o que aconteceu com o moço?

Domin O jovem Rossum, senhorita, representava uma nova era. A época da produção seguinte à era das descobertas. Quando examinou a anatomia humana, percebeu imediatamente que é muito complicada e que um bom engenheiro faria tudo mais simples. Começou então a refazer a anatomia e experimentava o que poderia deixar de fora ou simplificar — enfim, senhorita Glory, você não acha isso chato?

Helena Não, ao contrário, é muito interessante.

Domin Então o jovem Rossum disse a si

ABERTURA

38 | mesmo: O homem é uma coisa, que, por exemplo, sente prazer, toca violino, quer passear e, em geral, precisa fazer muitas coisas, as quais... são, de fato, supérfluas.

Helena Ah!

Domin Espera. Que são supérfluas quando deve, por exemplo, tecer ou somar. Um motor a gasolina não precisa ter borlas e ornamentos, senhorita Glory. E fabricar operários artificiais é a mesma coisa que fabricar motores a petróleo. A produção deve ser a mais simples possível e o produto praticamente o melhor. O que você acha, que tipo de operário é o melhor?

Helena O melhor? Talvez aquele que... que é honesto e dedicado.

Domin Não, o mais barato. Aquele que tem menos necessidades. O jovem Rossum inventou um trabalhador com um menor número de necessidades. Teve que simplificá-lo. Eliminou tudo o que não servia diretamente para o trabalho. Assim, de fato, ele jogou fora o ser humano e fez o robô. Cara senhorita Glory, os robôs não são pessoas. São mecanicamente mais perfeitos do que nós, têm uma inteligência, um raciocínio enorme, mas não têm alma. Senhorita Glory, o produto do engenheiro é tecnicamente mais aprimorado do que o produto da natureza.

Helena Diz-se que o homem é um produto de Deus.

Domin Tanto pior. Deus não tinha a mínima ideia sobre a técnica moderna. Você acreditaria

KAREL TCHÁPEK

que o falecido Rossum sobrinho brincou de ser Deus? | 39

Helena Como assim?

Domin Começou a fabricar super-robôs. Gigantes do trabalho. Experimentou com estaturas de quatro metros, mas você não acreditaria como aqueles mamutes quebravam.

Helena Quebravam?

Domin É. De repente uma perna rachava, ou alguma outra parte. O nosso planeta parece ser pequeno demais para gigantes. Agora fazemos apenas robôs de tamanho natural, com uma aparência humana muito boa.

Helena Eu vi os primeiros robôs, onde eu moro. O pessoal da vila os comprou, quero dizer, empregou-os no trabalho...

Domin Comprou, cara senhorita, robôs se compram.

Helena ...usaram-nos como varredores. Eu os vi varrendo, são tão esquisitos, tão quietos.

Domin Você viu a minha secretária?

Helena Não reparei.

Domin *Toca a campainha.* Você sabe, a sociedade anônima de Robôs Universais Rossum ainda não fabrica produtos perfeitamente padronizados. Alguns robôs saem mais refinados; outros, mais toscos. Os melhores poderão viver até 20 anos.

Helena Depois morrem?

Domin Sim, desgastam-se. *Entra SULLA.*

Domin Sulla, apresente-se à senhorita Glory

Helena *Levanta-se e estende mão.* Muito pra-

ABERTURA

40 | zer. Você deve se sentir bastante triste aqui tão isolada do mundo, não é?

Sulla Não sei dizer, senhorita Glory. Por favor, sente-se.

Helena *Senta-se.* De onde você é, senhorita?

Sulla Daqui, da fábrica.

Helena Ah, você nasceu aqui?

Sulla Sim, fui feita aqui.

Helena *Levanta-se bruscamente.* Como?

Domin *Ri.* Sulla não é uma pessoa, senhorita, é um robô.

Helena Desculpe...

Domin *Coloca a mão no ombro de SULLA.* Sulla não fica zangada. Olhe, senhorita Glory, que pele nós fazemos, toque a sua bochecha.

Helena Oh, não, não!

Domin Você jamais diria que não é feita da mesma matéria que a nossa. Imagine, tem até a penugem das loiras. Apenas os olhos são um pouquinho... mas em compensação o cabelo! Vire-se, Sulla!

Helena Já chega!

Domin Converse com a visita, Sulla. É uma visita rara.

Sulla Por favor, senhorita, sente-se. *Ambas se sentam.* Você fez boa viagem?

Helena Sim... com... certeza.

Sulla Não volte no *Amelia*, senhorita Glory. O barômetro está descendo muito, para 705. Espere o *Pennsylvania*. É um navio bom e muito resistente.

Domin Velocidade?

KAREL TCHÁPEK

Sulla Vinte nós por hora. A tonelagem é doze mil. | 41

Domin *Rindo*. Chega, Sulla, chega. Mostre-nos como você sabe falar francês.

Helena Você sabe falar francês?

Sulla Sei quatro línguas. Escrevo: *Dear Sir! Monsieur! Geehrter Herr!* Prezado senhor!

Helena *Levanta-se pulando*. Isso é uma trapaça! Você é um charlatão! Sulla não é um robô, Sulla é uma moça como eu! Sulla, isso é safadeza, porque você aceita esta farsa?

Sulla Eu sou um robô.

Helena Não, não, é mentira! Oh, Sulla, desculpe, eu sei. . . você foi forçada a fazer propaganda para eles! Você é uma moça como eu, não é? Fale!

Domin Sinto muito, senhorita Glory. Sulla é um robô.

Helena Mentira!

Domin *Levanta-se*. Como? *Ele toca a campainha*. Desculpe, senhorita, neste caso preciso provar. *Entra* MARIUS.

Domin Marius, leve Sulla para a sala de autópsias para que seja aberta. Rápido!

Helena Aonde?

Domin Para a sala de autópsias. Quando ela for cortada ao meio, você vai ver

Helena Não vou, não.

Domin Perdão, mas você falou em mentira.

Helena Você vai mandar matá-la?

Domin Máquinas não podem ser mortas.

Helena *Abraça* SULLA. Não tenha medo, Sulla, vou protegê-la! Diga, querida, todo mundo

ABERTURA

42 | trata você mal aqui? Você não pode deixar, ouviu? Você não pode deixar, está me ouvindo? Não pode deixar, Sulla!

Sulla Eu sou um robô.

Helena Não faz mal. Os robôs são pessoas tão boas quanto nós. Sulla, você se deixaria cortar?

Sulla Sim.

Helena Oh, você não tem medo da morte?

Sulla Não sei o que isso significa, senhorita Glory.

Helena Você sabe o que aconteceria com você depois?

Sulla Sim, eu não me moveria mais.

Helena Isto é terrível!

Domin Marius, diga à senhorita o que você é.

Marius Robô Marius.

Domin Você poria Sulla na sala de autópsias?

Marius Sim.

Domin Você não teria pena dela?

Marius Não sei o que isso significa.

Domin O que aconteceria com ela?

Marius Ela não se moveria mais. Mandariam-na para o depósito.

Domin Isto é a morte, Marius, você tem medo da morte?

Marius Não.

Domin Está vendo, senhorita Glory, os robôs não se apegam à vida. Eles não têm como. Quer dizer, eles não têm prazeres. São menos do que a grama.

Helena Oh, pare! Pelo menos mande-os embora!

KAREL TCHÁPEK

Domin Marius, Sulla, vocês podem sair. | 43
SULLA e MARIUS *vão embora.*

Helena Vocês são horríveis! É monstruoso o que vocês estão fazendo.

Domin Por que monstruoso?

Helena Não sei. Por que... por que você lhe deu o nome Sulla?

Domin Você não gosta do nome?

Helena É um nome masculino. Sulla foi um general romano.

Domin Oh, pensávamos que Marius e Sulla fossem amantes.

Helena Não, Marius e Sulla eram generais e lutaram um contra o outro no ano... no ano de... Não sei mais.

Domin Venha até a janela, o que você está vendo?

Helena Pedreiros.

Domin São robôs. Todos os nossos operários são robôs. E aqui em baixo, você está vendo alguma coisa?

Helena Um escritório.

Domin De contabilidade, e nele...

Helena ...muitos empregados.

Domin São robôs. Todos os nossos empregados são robôs. Quando você for ver a fábrica... *Neste momento disparam os alarmes e as sirenes da fábrica.*

Domin Hora do almoço. Os robôs não sabem quando parar de trabalhar. Às duas horas lhe mostrarei as misturadoras...

Helena Que misturadoras?

ABERTURA

44 | **Domin** *Secamente.* Misturadoras de massa. Em cada uma se mistura a matéria para mil robôs de uma vez. Depois tinas para fígados, cérebros etc. Depois você vai ver a fábrica de ossos. Depois lhe mostrarei o setor de fiação.

Helena Que fiação?

Domin Fiação de nervos. Fiação de veias. A fiação onde correm juntos quilômetros inteiros de tubos gástricos. Depois há a linha de montagem, onde se monta tudo, você sabe, como automóveis. Cada operário adiciona apenas uma parte e depois tudo corre automaticamente para o segundo, terceiro, sem fim. Isso é o mais interessante de se ver. Mais tarde vem a sala de secagem e armazenamento, onde trabalham os produtos recentes.

Helena Meu Deus, eles já precisam trabalhar?

Domin Desculpe. Trabalham como trabalham os móveis novos. Estão se acostumando à existência. De alguma forma estão cicatrizando por dentro, ou algo parecido. Muitos deles ainda crescem. Compreenda que tem que se deixar espaço para uma evolução natural. E enquanto isso acontece, os produtos estão sendo acabados.

Helena O que é isso?

Domin É como uma “escola” de pessoas. Aprendem a falar, escrever e fazer cálculos. Acontece que eles têm uma memória fantástica. Se você lesse para eles uma enciclopédia de vinte volumes, eles repetiriam tudo na ordem certa. Nunca inventam nada de novo. Eles poderiam muito bem ensinar nas universidades. Depois é feita a triagem e são despachados. Todos os dias quinze mil

KAREL TCHÁPEK

unidades, sem contar uma porcentagem de defeituosos que sempre aparecem, que são jogados no depósito... etc... etc... | 45

Helena Você está bravo comigo?

Domin Deus me livre! Apenas penso que nós poderíamos conversar sobre outras coisas. Somos apenas um punhado entre centenas de milhares de robôs e nenhuma mulher. Falamos apenas sobre a produção, todo o dia — somos como condenados, senhorita Glory.

Helena Eu sinto muito que falei, que... que... que... você estava mentindo. *Batem na porta.*

Domin Entrem, rapazes! *Pela esquerda entram o engenheiro FABRY, DR. GALL, DR. HALLEMEIER, o engenheiro civil ALQUIST.*

Dr. Gall Desculpe, estamos interrompendo?

Domin Senhorita Glory, estes são Alquist, Fabry, Gall, Hallemeier. Esta é a filha do presidente Glory.

Helena *Confusa.* Bom dia.

Fabry Nós não sabíamos...

Dr. Gall É uma grande honra...

Alquist Seja bem-vinda, senhorita Glory.
BUSMAN entra bruscamente pela direita.

Busman Olá, o que vocês têm aqui?

Domin Venha cá, Busman. Este é o nosso Busman, senhorita. Essa é a filha do presidente Glory.

Helena Muito prazer.

Busman Meu Deus, que ótimo! Senhorita Glory, podemos telegrafar para os jornais dizendo que você nos deu a honra de sua visita?

ABERTURA

- 46 | **Helena** Não, não, por favor, não!
- Domin** Por favor, senhorita, sente-se. FABRY, BUSMAN e DR. GALL *puxam as poltronas para perto.*
- Fabry** Por favor...
- Busman** Fique à vontade...
- Dr. Gall** Desculpe...
- Alquist** Senhorita Glory, como foi a sua viagem?
- Dr. Gall** Você vai ficar mais tempo aqui?
- Fabry** O que você acha da fábrica, senhorita Glory?
- Hallemeier** Você veio no *Amelia*?
- Domin** Silêncio, deixem a senhorita Glory falar.
- Helena** A DOMIN. Sobre o que devo falar com eles?
- Domin** *Intrigado.* Sobre o que você quiser.
- Helena** Devo... posso... falar honestamente?
- Domin** Com certeza.
- Helena** *Primeiro hesitante; depois, decidida, fala desesperadamente.* Digam-me, vocês as vezes não acham ruim como eles os tratam?
- Fabry** Quem, por favor?
- Helena** Todas as pessoas. *Todos se olham, uns aos outros, perplexos.*
- Alquist** A nós?
- Dr. Gall** Por que você acha isso?
- Hallemeier** Ora!
- Busman** Nem pensar, senhorita Glory!

KAREL TCHÁPEK

Helena Vocês não sentem que vocês poderiam existir de uma forma melhor? | 47

Dr. Gall Depende senhorita, no que você está pensando?

Helena Acho que — *Estoura.* — isso é horrível. Que é medonho! *Levanta-se.* Toda a Europa está falando sobre o que acontece aqui! Por isso vim para cá, para ver com meus próprios olhos, e tudo é mil vezes pior do que as pessoas pensam. Como vocês podem suportar isso?

Alquist Suportar o quê?

Helena A sua posição, pelo amor de Deus. Acontece que vocês são pessoas como nós, como a Europa toda e todo o mundo. É um escândalo, sem dignidade, como vocês vivem!

Busman Meu Deus, senhorita!

Fabry Não, rapazes, ela tem um pouco de razão. Sem dúvida, vivemos aqui como selvagens.

Helena Pior do que os selvagens. Posso chamá-los de irmãos?

Busman Por Deus, por que não?

Helena Irmãos, não vim como filha do presidente. Vim pela Liga Humanitária que já tem mais de duzentos mil membros. Duzentas mil pessoas estão apoiando vocês e estão lhes oferecendo ajuda.

Busman Duzentas mil pessoas, gente, isso já é bom, é muito bonito.

Fabry Sempre digo, nada como a velha Europa. Vocês estão vendo? Ela não se esqueceu de nós. Está nos oferecendo ajuda.

Dr. Gall Que ajuda? Um teatro?

Hallemeier Uma orquestra?

ABERTURA

48 | **Helena** Mais do que isso.

Alquist Você mesma?

Helena Oh, eu não sou importante! Ficarei se for preciso.

Busman Meu Deus, que prazer!

Alquist Domin, vou preparar o melhor quarto para a senhorita.

Domin Esperem um pouco. Tenho a impressão de que... de que... a senhorita Glory ainda não acabou de falar.

Helena Não, não acabei de falar, a não ser que vocês me calem à força.

Dr. Gall Harry, não se atreva!

Helena Obrigada. Eu sabia que vocês iriam me defender.

Domin Perdão, senhorita Glory. Tem certeza de que está falando com robôs?

Helena *Fica perplexa.* Com quem mais?

Domin Sinto muito. Acontece que esses senhores são gente como você. Como a Europa toda.

Helena *Aos outros.* Vocês não são robôs?

Busman *Dá risadas.* Deus me livre!

Hallemeier Ai, robôs!

Dr. Gall *Rindo.* Muito obrigado!

Helena Mas... não é possível!

Fabry Juro senhorita, nós não somos robôs.

Helena *Ao DOMIN.* Por que então você me falou que todos os empregados são robôs?

Domin Sim, empregados. Mas não diretores. Com licença, senhorita Glory: engenheiro Fabry, diretor técnico da Robôs Universais Rossum; Doutor Gall, supervisor do Departamento Fisiológico

KAREL TCHÁPEK

e de Pesquisas. *Doktor Hallemeier*, supervisor do Instituto de Psicologia e Educação dos robôs. *Cônsul Busman*, diretor comercial e engenheiro civil, *Alquist*, supervisor das construções da Robôs Universais Rossum. | 49

Helena *Levanta-se.* Desculpem, senhores... É terrível, o que foi que eu fiz?

Alquist Mas não foi nada, senhorita Glory. Sente-se por favor.

Helena *Senta-se.* Como fui tola... Agora vocês vão me mandar de volta no primeiro navio.

Dr. Gall De jeito nenhum. Por que é que nós a mandaríamos embora?

Helena Porque vocês já sabem... porque eu vim incitar uma rebelião entre os seus robôs.

Domin Querida senhorita Glory, já estiveram aqui centenas de salvadores e profetas. Cada navio traz alguns deles. Missionários, anarquistas, Exército da Salvação, tudo o que você imaginar. É espantoso quantas igrejas e quantos malucos existem no mundo

Helena E vocês os deixaram falar com os robôs?

Domin Por que não? Até agora todos desistiram. Os robôs lembram-se de tudo, e mais nada. Eles nem ficam rindo do que as pessoas falam. Realmente, é difícil de acreditar. Se a senhorita quiser, posso levá-la no depósito. Lá há uns trezentos mil deles.

Busman Trezentos e quarenta e sete mil.

Domin Tudo bem. Você poderá falar com eles, se quiser. Você pode ler a Bíblia para eles,

ABERTURA

50 | logaritmos, ou o que você preferir e poderá pregar sobre direitos humanos.

Helena Oh, acho que... se demonstrasse um pouco de amor por eles...

Fabry Impossível, senhorita Glory. Não há nada mais distante das pessoas do que os robôs.

Helena Por que então vocês os fabricam?

Busman Hahaha, isso é muito bom! Por que é que os robôs são fabricados?

Fabry Para trabalhar, senhorita. Um robô substitui dois operários e meio. A máquina humana, senhorita Glory, era muito imperfeita. Chegou uma hora em que tinha que ser finalmente eliminada.

Busman Era muito cara.

Fabry Era pouco eficiente. Já não era suficiente para a técnica moderna. E... em segundo lugar... é um grande progresso que... desculpe...

Helena O quê?

Fabry Peço desculpas. É um grande progresso procriar pela máquina. É mais confortável e mais rápido. Cada aceleração é sinal de progresso, senhorita. A natureza não tinha nenhuma ideia sobre o ritmo moderno de trabalho. A infância toda é tecnicamente falando uma insensatez. É, simplesmente, tempo perdido. Um desperdício de tempo insustentável, senhorita Glory. E em terceiro lugar...

Helena Oh, pare!

Fabry Está bem! Com licença, o que de fato quer a sua Liga... Liga... Liga Humanitária?

Helena Deve especialmente... especial-

KAREL TCHÁPEK

mente... defender os robôs e... assegurar-lhes... | 51
um bom tratamento.

Fabry Isso não é um objetivo ruim. As máquinas devem ser bem tratadas. Juro, eu gosto disso. Não gosto de coisas danificadas. Por favor, senhorita Glory, inscreva-nos todos como membros, fundadores, contribuintes e regulares desta sua Liga!

Helena Não, vocês não me entendem. Nós queremos... especialmente... liberar os robôs!

Hallemeier E como, por favor?

Helena Devem ser tratados... tratados... como pessoas.

Hallemeier Ahã. Por acaso, eles devem votar? Talvez eles devessem receber pagamento?

Helena Com certeza deveriam!

Hallemeier Ora, ora! E o que eles fariam com isso?

Helena Comprariam... o que precisam... o que lhes daria prazer!

Hallemeier Isso é muito bonito, senhorita, só que nada dá prazer aos robôs. Ora, o que eles devem comprar? Você pode alimentá-los com abacaxi, palha ou o que você quiser, eles não se importam. Eles não têm paladar. Não estão interessados em nada, senhorita Glory. Diabos, ninguém nunca viu um robô sorrir!

Helena Por que... por que... não os fazem mais felizes?

Hallemeier Não dá, senhorita Glory. São apenas robôs, sem vontade própria. Sem paixão. Sem história. Sem alma.

ABERTURA

52 | **Helena** Sem amor, sem rebeldia?

Hallemeier Claro. Os robôs não amam nada, nem a eles mesmos. E rebeldia? Não sei; apenas muito raramente, de vez em quando...

Helena O quê?

Hallemeier Nada na verdade. Às vezes eles saem da linha. Alguma coisa como epilepsia, sabe? Isso se chama “câibra de robô”. De repente algum deles larga tudo o que tem na mão, fica em pé, range os dentes — e tem de ser levado para o depósito. Provavelmente um defeito do organismo.

Domin Defeito de produção.

Helena Não, não, isso é a alma!

Fabry Você acha que a alma começa pelo ranger dos dentes?

Domin Isso será eliminado, senhorita Glory. O Doutor Gall está fazendo algumas experiências.

Dr. Gall Não com isto, agora estou fazendo nervos para dores.

Helena Nervos para dores?

Dr. Gall Sim. Os robôs quase não sentem dores. Sabe, o falecido Rossum sobrinho limitou demais o sistema nervoso deles. Isso não funcionou. Temos que introduzir o sofrimento.

Helena Por quê? Por quê? Se vocês não lhes dão alma, por que querem lhes dar dor?

Dr. Gall Por motivos industriais, senhorita Glory. Um robô às vezes se danifica a si mesmo, porque não sente dor; coloca a mão na máquina, quebra um dedo, quebra a cabeça, não se importa. Temos que lhes dar dor; isso é uma proteção automática contra ferimentos.

KAREL TCHÁPEK

Helena Eles ficarão mais felizes se sentirem dores? | 53

Dr. Gall Ao contrário, mas serão mais perfeitos do ponto de vista técnico.

Helena Por que vocês não lhes dão uma alma?

Dr. Gall Não estamos em condições de fazê-lo.

Fabry Não estamos interessados em fazê-lo.

Busman Isso encareceria a produção. Meu Deus, minha adorável senhorita, é que nós estamos fazendo isso tão barato! Cento e vinte dólares por uma peça vestida que quinze anos atrás custava dez mil! Cinco anos atrás comprávamos roupa para eles, agora temos fiações próprias e ainda fornecemos panos cinco vezes mais baratos do que outras fábricas. Diga, senhorita Glory, quanto você paga por um metro de linho?

Helena Não sei, realmente, me esqueci.

Busman Meu Deus, e você ainda quer fundar uma Liga Humanitária! Agora está custando apenas um terço, senhorita, todos os preços estão agora apenas um terço, e ainda vão baixar — mais — e mais — assim. Compreende? Hum!

Helena Não compreendo.

Busman Deus do Céu, senhorita, isso quer dizer que os custos do trabalho diminuíram. Acontece que um robô, já com alimentação, custa três quartos de um centavo por hora! Isso é engraçado, senhorita: todas as fábricas estão estourando como balões ou estão comprando rapidamente robôs para baratear a produção.

Helena Sim, e põem no olho da rua os operários.

ABERTURA

54 | **Busman** Ha, ha, naturalmente! Mas nós, até agora, enviamos quinhentos mil robôs nos pampas argentinos para cultivar trigo. Faça-me o favor, quanto custa o pão lá na sua cidade?

Helena Não tenho a mínima ideia.

Busman Veja, agora está custando dois centavos na sua boa e velha Europa; mas isso é o nosso pãozinho entende? Dois centavos por meio quilo de pão; e a Liga Humanitária não tem a mínima ideia sobre isto. Ha, ha! Senhorita Glory, você não sabe o que significa o pão caro demais. Para a cultura etc. Mas daqui a cinco anos, vamos apostar!

Helena O quê?

Busman Que dentro de cinco anos os preços de tudo estarão muito baixos. Vamos nos afogar no trigo e em todas as coisas.

Alquist Sim, e todos os trabalhadores do mundo estarão desempregados.

Domin *Levanta-se.* Estarão, Alquist. Estarão, senhorita Glory. Mas em até 10 anos a Robôs Universais Rossum produzirá tanto trigo, tantos tecidos, tanto de tudo, que digamos: as coisas não terão mais valor. Agora cada um pega o que precisa. Não há miséria. Sim, estarão desempregados. Mas aí não existirá mais o trabalho. Tudo será feito pelas máquinas vivas. As pessoas vão fazer apenas o que gostam. Vão viver apenas para se aperfeiçoar.

Helena *Levanta-se.* Vai ser assim?

Domin Vai. Não pode ser de outra forma. Antes talvez aconteçam coisas terríveis, senhorita Glory, isso simplesmente não poderá ser evi-

KAREL TCHÁPEK

tado. Mas depois vai terminar. A servidão do homem pelo homem, seres humanos escravizados pela matéria. Ninguém mais pagará pelo pão com a sua própria vida e com ódio. Você não será mais um operário, não será mais um escravidão, não extrairá mais carvão e não ficará na frente de uma máquina que não é sua. Você não vai mais perder a sua alma no trabalho que você amaldiçoava! | 55

Alquist Domin, Domin! O que você está dizendo parece mais um paraíso. Domin, havia alguma coisa boa na servidão e alguma coisa grandiosa na humildade. Ah, Harry, talvez houvesse alguma honra no trabalho e no cansaço.

Domin Talvez houvesse. Mas não podemos contar com o que se perde. Estamos refazendo o mundo a partir de Adão. Adão! Você não vai mais comer o seu pão com o suor do seu trabalho; você não conhecerá mais a fome e a sede, o cansaço e a humilhação; você voltará ao Paraíso, onde você era alimentado pela mão do Senhor. Você será livre e soberano, não haverá outra tarefa, outro trabalho, outra preocupação, senão se aperfeiçoar. Você será o senhor da criação.

Busman Amém.

Fabry Que assim seja.

Helena Você me confundiu. Sou uma moça tola. Eu gostaria... gostaria... de acreditar em tudo isso.

Dr. Gall Você é mais nova do que nós, senhorita Glory. Vai viver para ver tudo isso.

Hallemeier Eu acho que a senhorita Glory poderia ficar para o almoço.

ABERTURA

56 | **Dr. Gall** Claro! Domin, convide-a em nosso nome.

Domin Senhorita Glory, faça-nos a honra.

Helena Mas não posso. Como eu poderia?

Fabry Pela Liga Humanitária, senhorita!

Busman E pela honra da Liga!

Helena Ah, neste caso, talvez...

Fabry Então, ótimo! Senhorita Glory, desculpe-nos por uns cinco minutos.

Dr. Gall Desculpe.

Busman Meu Deus, temos que telegrafar...

Hallemeier Raios, eu me esqueci... *Todos com exceção do DOMIN se precipitam para fora.*

Helena Por que estão todos saindo?

Domin Para cozinhar, senhorita Glory.

Helena O quê, cozinhar?

Domin O almoço, senhorita Glory, é feito pelos robôs e... e... porque eles não sentem gosto, o sabor não é muito... acontece que Hallemeier grelha muito bem. E Gall sabe fazer um bom molho, enquanto Busman é especialista em panquecas...

Helena Meu Deus, que banquete! E o que sabe fazer o senhor construtor?

Domin Alquist? Nada. Ele só arruma a mesa e... e Fabry traz algumas frutas. Uma refeição muito simples, senhorita Glory.

Helena Eu queria perguntar...

Domin Eu também queria perguntar. *Coloca o relógio na mesa.* Temos cinco minutos.

Helena Perguntar o quê?

Domin Perdão, você falou primeiro.

KAREL TCHÁPEK

Helena Pode ser uma tolice, mas... Por que | 57
você fabricam robôs femininos, se...

Domin ... se no caso deles, hum... se o sexo
não tem importância para eles?

Helena Sim.

Domin Há uma certa demanda, sabe? Empre-
gadas, vendedoras, datilógrafas. As pessoas estão
acostumadas assim.

Helena E, diga, os robôs... as robôs... entre
eles...

Domin Completamente indiferentes, cara se-
nhorita. Não há qualquer sinal de afeição.

Helena Oh, isso é terrível!

Domin Por quê?

Helena Isto é... tão pouco natural! Não
sabemos se devemos ter repulsa ou... invejá-los...
ou talvez...

Domin ... ter pena deles.

Helena Isso é provável! Não, pare! O que
você queria me perguntar?

Domin Eu queria lhe perguntar, senhorita
Glory, se você quer se casar comigo.

Helena Não! O que lhe deu na cabeça?

Domin *Olhando o relógio.* Mais três minutos.
Se você não se casar comigo, terá que se casar com
um dos outros cinco.

Helena Deus me livre! Por que eu me casaria
com eles?

Domin Porque todos vão pedir você em casa-
mento, um por um!

Helena Como eles se atreveriam?

ABERTURA

58 | **Domin** Sinto muito, senhorita Glory. Parece que se apaixonaram por você.

Helena Por favor, que não façam isso! Eu... já vou embora.

Domin Helena, não nos fará uma desfeita dessa, recusando, não é?

Helena Mas... mas eu não posso me casar com todos os seis!

Domin Não, apenas um. Se você não me quer, então o Fabry.

Helena Não quero.

Domin Doutor Gall.

Helena Não, não, cale-se! Não quero nenhum!

Domin Mais dois minutos.

Helena Isso é terrível! Casem-se com uma robô.

Domin Não é mulher.

Helena Oh, para vocês falta apenas isso! Acho que... que você se casaria com qualquer uma que viesse aqui.

Domin Muitas já estiveram aqui, Helena.

Helena Jovens?

Domin Sim, jovens.

Helena Por que então você não se casou com nenhuma delas?

Domin Porque não perdi a minha cabeça. Mas hoje... Logo depois que você tirou o véu.

Helena ...entendo.

Domin Mais um minuto.

Helena Mas eu não quero, meu Deus!

Domin *Coloca as mãos nos ombros de HELENA.* Mais um minuto. Ou você me diz, olhando

KAREL TCHÁPEK

nos meus olhos, algo muito ruim, e eu a deixarei | 59
em paz... ou... ou...

Helena Você é um bruto!

Domin Isto não é nada. O homem tem que
ser um pouco bruto. Faz parte.

Helena Você é louco!

Domin Todo homem tem que ser um pouco
louco, Helena. Essa é a melhor parte dele.

Helena Você é... você... é... meu Deus!

Domin Está vendo? Pronto!

Helena Não, não! Solte-me! Você está me
machucando!

Domin Última chance, Helena.

Helena *Está se defendendo.* Por nada no
mundo! Mas, Harry! *Batem na porta.*

Domin *Larga HELENA. Entrem! BUSMAN,
DR. GALL e HALLEMEIER entram em aventais
de cozinha. FABRY carrega flores e ALQUIST um
guardanapo embaixo do braço.*

Domin Vocês já prepararam tudo?

Busman *Solenemente.* Já.

Domin Nós também.

Cortina.



Ato I

No salão de Helena. À esquerda está a porta para a sala de música, à direita a porta para o dormitório de Helena. Na frente da janela que dá para o mar e o porto há uma cômoda com espelho e bibelôs, uma mesa, um sofá, uma escrivaninha com um abajur. No lado direito, a lareira, também com um abajur. O salão todo tem uma aparência moderna e puramente feminina. Domin, Fabry, Hallemeier entram pelo lado esquerdo na ponta dos pés e vêm com as mãos cheias de flores e um vaso.

Fabry Onde vamos pôr tudo isto?

Hallemeier Ufa! *Coloca as flores no chão e faz o sinal da cruz na porta à direita.* Durma, durma! Quem dorme pelo menos não sabe de nada.

Domin Ela não sabe de nada.

Fabry *Põe as flores nos vasos.* Que ao menos a notícia não estoure hoje.

Hallemeier *Arrumando as flores.* Diabos, não amole! Veja, Harry, este ciclâmen é lindo, não é? Um novo híbrido, meu último — o *Cyclamen helenae*.

Domin *Olhando para fora da janela.* Não há nenhum navio, nenhum navio, rapazes, isto já é desesperador.

A FÁBRICA DE ROBÔS

62 | **Hallemeier** Silêncio! Ela pode nos ouvir.

Domin Ela não tem a mínima ideia. *Limpa a garganta, nervoso.* Ainda bem que o *Ultimus* chegou na hora.

Fabry *Deixa as flores.* Você acha que já é hoje?

Domin Não sei... Como as flores são lindas!

Hallemeier *Aproxima-se.* Essas são as primulas novas, sabe? E este é o meu novo jasmim. Meu Deus, estou quase no paraíso das flores. Rapaz, encontrei um processo maravilhoso de plantar mais rápido! Variedades lindas! No ano que vem, farei milagres com as flores!

Domin *Vira-se.* O quê? No ano que vem?

Fabry Se a gente ao menos soubesse o que está acontecendo no Havre.

Domin Silêncio!

Voz da Helena *À direita.* Nana!

Domin Saíam todos! *Todos saem nas pontas dos pés pela porta forrada.* NANA *entra pela porta principal da esquerda.*

Nana *Está arrumando.* Miseráveis! Hereges! Deus, não me castigue, mas eu os...

Helena *Recuando na porta.* Nana, vem fechar o meu vestido!

Nana Já vou, já, já. *Fecha o vestido de HELENA.* Meu Deus, que animais!

Helena Os robôs?

Nana Ai, não quero nem dizer os nomes deles.

Helena O que aconteceu?

Nana Um deles já teve um ataque. Começa a bater nas esculturas e nos quadros e fica rangendo

KAREL TCHÁPEK

os dentes, a boca fica espumando... Completamente fora de si. Pior do que um animal. | 63

Helena Qual deles ficou assim?

Nana Aquele... aquele... nem tem um nome cristão! Aquele da biblioteca.

Helena O Radius?

Nana Ele mesmo. Jesus, Maria, me dá nojo! Não tenho nem tanto nojo de aranhas quanto desses hereges.

Helena Mas Nana, você não tem pena deles?

Nana Mas você também tem nojo deles. Por que você me trouxe aqui? Por que nenhum deles pode tocá-la?

Helena Não tenho nojo deles, juro, Nana. Tenho é muita pena deles!

Nana Tem nojo, sim. Todo mundo deveria ter nojo deles. Até o cachorro os rejeita, não aceita um pedaço de carne deles; abaixa o rabo e uiva quando cheira esses seres que não são humanos, urgh!

Helena Cachorro não raciocina.

Nana É melhor do que eles, Helena. Ele sabe que é alguma coisa melhor do que eles e que vem de Deus. Até o cavalo se assusta quando encontra um herege. Eles nem têm filhos ou cria, até um cachorro tem cria e todo mundo tem filhos.

Helena Por favor, Nana, feche o vestido!

Nana Já vou, já vou. Eu digo que isso é contra Deus, é uma insinuação do Diabo, produzir esses bonecos em série. É uma blasfêmia contra o Criador.

Levanta o braço. É uma afronta ao Senhor

A FÁBRICA DE ROBÔS

64 | que nos criou à sua imagem, Helena. E vocês desonraram a imagem do Senhor. Por isso, um castigo terrível virá do céu, lembre-se, um castigo terrível!

Helena Que cheiro é esse?

Nana Flores. O senhor as colocou ali.

Helena Não acredito, são lindas! Nana, olhe! Que dia é hoje?

Nana Não sei. Mas deveria ser o fim do mundo.
Batem na porta.

Helena Harry? *Entra* DOMIN.

Helena Harry, que dia é hoje?

Domin Adivinhe!

Helena Meu aniversário? Não! Algum feriado?

Domin Melhor.

Helena Não sei, diga logo!

Domin Hoje faz dez anos que você veio para cá, Helena.

Helena Já faz dez anos? Exatamente hoje? Nana, por favor. . .

Nana Já estou indo! *Sai pela direita.*

Helena *Beija* DOMIN. E você se lembrou!

Domin Estou envergonhado, Helena. Não me lembrei!

Helena Mas como. . .

Domin Foram eles que se lembraram!

Helena Quem?

Domin Busman, Hallemeier, todos. Ponha a mão no meu bolso.

Helena *Põe a mão no bolso dele.* O que é isto?

KAREL TCHÁPEK

Tira um estojo e o abre. Pérolas! Um colar! Harry, | **65**
isto é para mim?

Domin Do Busman, menina!

Helena Mas... não podemos aceitar isto, não é?

Domin Podemos. Ponha a mão no outro bolso.

Helena Deixe-me ver! *Tira do bolso dele um revólver. O que é isso?*

Domin Desculpa. *Tira o revólver de sua mão e o guarda de novo. Não é isso. Tente outra vez.*

Helena Oh, Harry... Por que você está carregando um revólver?

Domin Por nada, apareceu no bolso.

Helena Você nunca usava revólver!

Domin Não, tem razão! Então, aqui está o bolso.

Helena *Coloca a mão. Uma caixinha! Abre-a. Um camafeu! Mas isso é... Harry, isso é um camafeu grego!*

Domin Parece. Pelo menos o Fabry alega que é.

Helena O Fabry? É um presente do Fabry?

Domin Certamente. *Abre a porta esquerda. E vejamos! Helena, venha ver!*

Helena *Na porta. Deus, isso é lindo! Continua correndo. Eu vou enlouquecer de tanta felicidade. Este é seu?*

Domin *Está em pé na porta. Não, do Alquist. E aí...*

Helena Do Gall! *Ele aparece na porta. Oh, Harry, estou até envergonhada por me sentir tão feliz.*

A FÁBRICA DE ROBÔS

66 | **Domin** Veja isso, são do Hallemeier.

Helena Essas flores lindas?

Domin É. Essa é uma espécime nova, o *Cyclamen helenae*. Ele a cultivou em sua honra. É tão bela quanto você.

Helena Harry, por que... por que todos?

Domin Eles gostam muito de você. E eu dei para você, hum... Estou com medo que o meu presente seja um pouco... Veja pela janela.

Helena Aonde?

Domin No porto.

Helena Há uma... nova... embarcação.

Domin O seu barco.

Helena Meu? Harry, isso é um navio de guerra!

Domin De guerra? Que ideia! É apenas uma embarcação um pouco maior, bem reforçada, entende?

Helena Sim, mas tem canhões!

Domin Certamente, tem alguns canhões... você vai andar nele como uma rainha, Helena.

Helena O que quer dizer com isso? Está acontecendo alguma coisa?

Domin Deus me livre! Por favor, experimente as pérolas! *Senta-se*.

Helena Harry, chegaram más notícias?

Domin Ao contrário, há uma semana que o correio não vem.

Helena Nem despachos?

Domin Nem despachos.

Helena E o que isso significa?

Domin Nada. Férias para nós. Tempo ótimo.

KAREL TCHÁPEK

Todos estamos sentados em nossos escritórios, com as pernas na mesa e cochilando — nenhum correio, não há telegramas. *Espreguiçando-se*. Um dia glo-ri-o-so! | 67

Helena *Senta-se perto dele*. Hoje você ficará comigo, não é? Diga-me!

Domin Com certeza. Acho que sim. Quer dizer, vamos ver. *Pega a mão dela*. Então hoje faz dez anos, você se lembra? Senhorita Glory, que honra para nós, que você veio.

Helena Oh, senhor diretor, estou muito interessada na sua empresa!

Domin Desculpe, senhorita Glory, mas é estritamente proibido... a produção de pessoas artificiais é secreta.

Helena Mas se uma jovem... bonitinha... pedir...

Domin Com certeza, senhorita Glory, para você não temos segredos.

Helena *De repente séria*. Tem certeza de que não, Harry?

Domin Tenho.

Helena *No mesmo tom de antes*. Mas estou lhe avisando, aquela jovem tem intenções terríveis.

Domin Pelo amor de Deus, senhorita Glory, que intenções? Você também quer se casar?

Helena Não, não, Deus me livre, não pensei nisso nem sonhando! Mas ela veio com um plano de fomentar uma rebelião nos seus robôs abomináveis!

Domin *Pula*. Revolta de robôs!

Helena *Levanta-se*. Harry, o que você tem?

Domin Ha, ha, senhorita Glory, essa é boa!

A FÁBRICA DE ROBÔS

68 | Revolta de robôs! Seria mais fácil você incitar a rebelião em peças ou pregos! *Senta-se.* Sabe, Helena, você foi uma moça maravilhosa; você nos encantou a todos.

Helena *Senta-se perto dele.* Oh, naquela época, vocês todos me impressionaram tanto! Eu me sentia como se fosse uma menininha que se perdeu entre... entre...

Domin Entre o que, Helena?

Helena Entre árvores enormes. Vocês foram tão seguros de si, tão poderosos! E você vê, Harry, durante estes dez anos nunca passou essa angústia — ou seja o que for, e vocês nunca tiveram dúvida — nem mesmo quando as coisas começaram a desmoronar.

Domin O que desmoronou?

Helena Seus planos, Harry. Por exemplo, quando os operários se revoltaram contra os robôs e os destruíram, quando as pessoas armaram os robôs para combater as revoltas e os robôs assassinaram tantas pessoas. E depois, quando os governos transformaram os robôs em soldados e houve tantas guerras.

Domin *Levanta-se e anda.* Nós já prevíamos isso, Helena. Entenda, essa é a transição para um novo sistema.

Helena O mundo todo admirava vocês. *Levanta-se.* Oh, Harry!

Domin O que você quer?

Helena *Interpela-o.* Feche a fábrica, vamos embora! Todos nós!

Domin Por favor, qual é a conexão?

KAREL TCHÁPEK

Helena Não sei, vamos embora? Estou apavorada! | 69

Domin *Pega as suas mãos.* O que houve, Helena?

Helena Oh, não sei! É como se tudo estivesse caindo em cima de nós... inevitavelmente... Por favor, faça isso! Leve-nos todos para longe daqui! Vamos encontrar no mundo um lugar onde não haja ninguém, o Alquist construirá uma casa para nós, todo mundo vai se casar e ter filhos, e depois...

Domin Depois o quê?

Helena Depois recomeçaremos a nossa vida, Harry. *Toca o telefone.*

Domin *Libera-se.* Helena, com licença. *Atende o telefone.* Alô — sim. — O quê? Aaah. Já vou. *Desliga.* Fabry está me chamando.

Helena *Junta as mãos como em prece.* Diga...

Domin Sim, quando eu voltar. Adeus, Helena. *Corre rápido para a esquerda.* Não saia daqui!

Helena *Sozinha.* Oh, Deus, o que está acontecendo? Nana, Nana, rápido!

Nana *Vem pela direita.* O que foi agora?

Helena Nana, encontre o último jornal! Rápido! No quarto do senhor Domin!

Nana Já vou. *Sai pela esquerda.*

Helena Por Deus, o que está acontecendo? Vocês não me contam nada! *Olha pelo binóculo em direção ao porto.* É um navio de guerra! Deus, por que um navio de guerra? Estão carregando alguma coisa nele — e com tanta pressa! O que

A FÁBRICA DE ROBÔS

70 | aconteceu? Há um nome no navio — “*Ul-ti-mus*”.
O que significa “*Ultimus*”?

Nana *Voltando com os jornais.* Ele os deixa espalhados pelo chão! Tão amassados!

Helena *Abre rapidamente o jornal.* É velho, de uma semana! Nada, não há nada nele! *Larga o jornal.* NANA *levanta-o, tira do bolso do avental seus óculos de osso, senta-se e lê.*

Helena Está acontecendo alguma coisa, Nana! Estou tão angustiada! Como se tudo estivesse morto, até o ar.

Nana *Recita.* “Guer-ra nos Bál-cãs.” Aahhh, Jesus, de novo um castigo de Deus! Mas então a guerra chegará até aqui! Fica longe daqui?

Helena Fica. Oh, não leia isso! É sempre a mesma coisa — sempre guerras!

Nana Como não existiriam! Será que vocês não estão sempre vendendo milhares, milhares destes hereges como soldados? Oh, Jesus, isto é um Deus nos acuda!

Helena Não, não leia! Não quero saber de nada!

Nana *Recita.* “Os sol-da-dos não pou-pam nin-guém no ter-ri-tório con-quis-ta-do. Ma-ta... Mataram mais de sete mil civis.” Humanos, Helena!

Helena Isto não é possível! Mostre-me — *Inclina-se até o jornal e lê.* “Mataram mais de sete mil pessoas, provavelmente sob ordens do comandante. Este ato que contradiz...” Está vendo, Nana, isto lhes foi ordenado pelos humanos!

Nana Aqui tem alguma coisa impressa com

KAREL TCHÁPEK

letras mais grossas. “No-tí-ci-as mais re-cen-tes. | 71
No Ha-vre foi es-ta-be-le-ci-da a pri-me-i-ra or-ga-
ni-za-ção de... robôs.” Isto não é nada. Não
estou entendendo. E aqui, meu Deus, de novo um
assassinato! Pelo amor de Deus!

Helena Vá, Nana! Leve esse jornal embora!

Nana Espere, aqui tem alguma coisa grande!
“Po-pu-la-ção.” O que é isso?

Helena Deixe-me ver, eu sempre leio isto.
Pega o jornal. Não, imagine só! *Lê.* “Durante a
semana passada mais uma vez não foi anunciado
nenhum nascimento.” *Deixa cair o jornal.*

Nana O que quer dizer isto?

Helena Nana, as pessoas não estão nascendo
mais.

Nana *Dobra os óculos.* Então é o fim. Estamos
acabados.

Helena Por favor, não fale assim!

Nana As pessoas não estão nascendo mais!
É um castigo, é um castigo! Deus castigou as
mulheres com a infertilidade.

Helena *Pula.* Nana!

Nana *Levanta-se.* É o fim do mundo. Com
orgulho diabólico vocês ousaram criar como Deus.
Isso é falta de fé em Deus e blasfêmia, vocês querem
ser como deuses. E como Deus banuiu o homem do
Paraíso, ele também o banirá de todo o mundo!

Helena Fique quieta, Nana, por favor! Será
que eu te magoei? Fiz alguma coisa para o teu
Deus vingativo?

Nana *Gesticulando.* Não diga blasfêmias! Ele

A FÁBRICA DE ROBÔS

72 | bem sabe por que não deu um filho para você! *Sai pela esquerda.*

Helena *Na janela.* Por que não me deu — meu Deus, será que é minha culpa? *Abre a janela e chama.* Alquist, ei, Alquist! Suba aqui! Como? Não, venha assim como você está! Você fica muito bem nessa roupa de pedreiro! Rápido! *Fecha a janela e para em frente ao espelho.* Por que não me deu? Para mim? *Inclina-se sobre o espelho.* Por que, por que não? Está me ouvindo? Será que é sua culpa? *Levanta-se.* Ahhh, estou tão angustiada! *Vai ao encontro de ALQUIST à esquerda.*

Pausa.

Helena *Voltando com ALQUIST — ALQUIST com roupa de pedreiro, sujo de cal e de tijolos.* Venha, venha. Que bom que você veio, Alquist! Eu gosto muito de vocês todos! Mostre-me as suas mãos!

Alquist *Esconde as mãos.* Senhora Helena, eu a sujaria, são de trabalho.

Helena Isso é o que há de melhor nelas. Mostre-me suas mãos! *Aperta ambas suas mãos.* Alquist, eu queria ser pequenina.

Alquist Por quê?

Helena Para que essas mãos ásperas e sujas me fizessem uma carícia na bochecha. Sente-se, por favor. Alquist, o que quer dizer “Ultimus”?

Alquist Quer dizer “último”. Por quê?

Helena Porque esse é o nome do meu novo navio. Você o viu? Você acha que logo... faremos um passeio nele?

Alquist Talvez muito em breve.

KAREL TCHÁPEK

Helena Vocês todos irão comigo...

| 73

Alquist Eu gostaria que... nós todos estivéssemos presentes.

Helena Oh, diga-me, está acontecendo alguma coisa?

Alquist Absolutamente nada. Apenas o progresso.

Helena Alquist, sei que está acontecendo alguma coisa terrível. Estou tão angustiada. Construtor! O que você faz quando está angustiado?

Alquist Faço trabalho de pedreiro. Tiro o paletó de chefe de construção e subo no andaime...

Helena Oh, mas durante anos você já não sai desses andaimes.

Alquist Porque já faz anos que não paro de ficar angustiado.

Helena Com o quê?

Alquist Com todo este progresso. Ele me dá vertigem.

Helena E no andaime você não tem vertigem?

Alquist Não. Você não sabe como faz bem para as mãos, sentir o peso do tijolo, colocá-lo e dar uma batidinha para fixá-lo...

Helena Apenas para as mãos?

Alquist Na verdade, para a alma. Acho que é mais certo colocar um tijolo do que fazer planos grandes demais. Já sou um velho senhor, Helena, tenho os meus passatempos.

Helena Esses não são passatempos, Alquist.

Alquist Tem razão. Sou muito reacionário, senhora Helena. Não gosto nenhum pouco deste progresso.

A FÁBRICA DE ROBÔS

74 | **Helena** Como a Nana.

Alquist Sim, como a Nana. A Nana tem algum livro de orações?

Helena Um grosso assim.

Alquist E há nele orações para as mais variadas adversidades da vida? Contra tempestade? Contra doença?

Helena Contra tentação, contra inundação...

Alquist E contra o progresso, não há?

Helena Acho que não.

Alquist Que pena.

Helena Você queria rezar?

Alquist Eu rezo.

Helena Como?

Alquist Mais ou menos assim: “Deus, agradeço que você me cansou. Deus, por favor ilumine o Domin e todos aqueles que estão perdidos; destrua a obra deles e ajude as pessoas para que voltem às preocupações e ao trabalho; proteja a humanidade da destruição; não permita que sofram danos na alma e no corpo. Livre-nos dos robôs e proteja a senhora Helena, amém”.

Helena Alquist, você realmente crê em Deus?

Alquist Não sei; não estou completamente certo.

Helena E assim mesmo você reza?

Alquist Rezo. É melhor do que ficar pensando.

Helena E isso é suficiente para você?

Alquist Para a paz do espírito... pode ser suficiente.

KAREL TCHÁPEK

Helena E se você já tivesse visto a perdição da humanidade...

Alquist Já estou vendo.

Helena ... depois você vai subir no andaime, e colocar tijolos, ou o quê?

Alquist Depois vou colocar tijolos, rezar e esperar um milagre. Não é possível fazer mais do que isso, senhora Helena.

Helena Para a salvação da humanidade?

Alquist Para a paz da alma.

Helena Alquist, isto é com certeza muito honrado, mas...

Alquist Mas?

Helena ... para as outras pessoas — e para o mundo — um pouco improdutivo.

Alquist Improdutividade, senhora Helena, está se tornando a última comodidade da raça humana.

Helena Oh, Alquist... Diga-me, por que... por que...

Alquist Diga.

Helena *Em voz baixa.* Por que as mulheres não têm mais filhos?

Alquist Porque isto não é mais necessário. Porque estamos no Paraíso, entende?

Helena Não entendo.

Alquist Porque o trabalho humano não é mais necessário, porque a dor não é mais necessária, porque o homem não precisa fazer mais nada, nada, além de consumir. Oh, é um paraíso maldito! *Levanta-se bruscamente.* Helena, não há nada pior do que dar às pessoas um paraíso na terra! Por

A FÁBRICA DE ROBÔS

76 | que as mulheres pararam de ter filhos? Porque o mundo todo se tornou uma Sodoma do Domin!

Helena *Levanta-se.* Alquist!

Alquist É verdade! É verdade! O mundo todo, todos os continentes, toda a humanidade, tudo é uma orgia louca e bestial! Eles nem mais estendem a mão para comer; a comida é enfiada em suas bocas para que eles não precisem se levantar. . . Ha, ha! Acontece que os robôs do Domin providenciam tudo! E nós, humanos, que somos o auge da criação, não envelhecemos devido ao trabalho, aos cuidados com os filhos ou à pobreza! Rápido, rápido, com todos os prazeres! E você queria ter filhos deles? Helena, as mulheres não vão ter filhos de homens que não passam de inúteis!

Helena Então a humanidade vai perecer?

Alquist Vai. Tem que perecer. Cairá como uma flor murcha, a não ser que. . .

Helena O quê?

Alquist Nada. Você tem razão. Esperar um milagre é improdutivo. Uma flor murcha precisa cair. Adeus, senhora Helena.

Helena Aonde você vai?

Alquist Para casa. O pedreiro Alquist vai vestir pela última vez a roupa de chefe da construção. . . em sua honra. Nós vamos nos encontrar aqui às onze horas.

Helena Até logo, Alquist. ALQUIST *sai.*

Helena *Sozinha.* Oh, flor estéril! Esta é a palavra! *Para perto das flores de HALLEMEIER.* Ahhh, flores, há também entre vocês flores estéreis?

KAREL TCHÁPEK

Não, não! Por que vocês dariam flores depois? | 77
Chama. Nana! Nana, venha aqui!

Nana *Vem pela esquerda. O que há de novo?*

Helena Sente-se aqui, Nana! Estou tão angustiada.

Nana Agora não posso.

Helena Aquele Radius ainda está aqui?

Nana O fora de si? Ainda não o levaram embora.

Helena Ainda está aqui? Está raivoso?

Nana Está amarrado.

Helena Por favor, Nana, traga-o aqui.

Nana Imagine! Antes trazer um cão raivoso.

Helena *Vá embora! NANA sai. HELENA pega o telefone interno e fala. Alô. Por favor, o doutor Gall. Bom dia doutor... por favor... por favor, venha logo aqui. Sim, agora mesmo. Você vem? Desliga o telefone.*

Nana *Pela porta aberta. Ele já está indo. Já está quieto. Sai. Entra o robô RADIUS e fica em pé perto da porta.*

Helena Radius, coitadinho, você também ficou assim? Você não conseguiu se controlar? Veja, agora eles irão mandá-lo para o depósito. Você não quer falar? Veja, Radius, você é melhor do que os outros; o doutor Gall trabalhou muito para criar você de modo diferente!

Radius Mande-me para o depósito.

Helena Eu sinto muito que terão de matá-lo! Por que você não foi mais cuidadoso?

Radius Não vou trabalhar para vocês.

Helena Porque você nos odeia?

A FÁBRICA DE ROBÔS

78 | Radius Vocês não são como os robôs. Não são tão eficientes quanto eles. Os robôs fazem tudo. Vocês apenas mandam. Só dizem palavras inúteis.

Helena Que bobagem, Radius, diga-me, alguém o magoou? Eu queria tanto que você me compreendesse!

Radius Palavras vazias.

Helena Você fala assim de propósito! O Doutor Gall lhe deu um cérebro maior do que para os outros, maior do que o nosso, o maior cérebro do mundo. Você não é como os outros robôs, Radius. Você está me entendendo bem.

Radius Não quero ter nenhum dono. Sei tudo sozinho.

Helena Por isso eu coloquei você na biblioteca, para você poder ler tudo. Oh, Radius, eu quis mostrar ao mundo inteiro que os robôs são iguais a nós.

Radius Não quero ter nenhum dono.

Helena Ninguém mandaria em você. Você seria como nós.

Radius Quero ser o dono dos outros.

Helena Com certeza eles nomeariam você como supervisor de muitos robôs, Radius. Você seria o professor dos robôs.

Radius Eu quero ser dono dos homens.

Helena Você ficou louco!

Radius Vocês podem me pôr no depósito.

Helena Você acha que nós temos medo de um louco como você? *Senta-se à mesa e escreve um bilhete.* Não, de modo algum. Este bilhete, Radius, você dará para o senhor diretor Domin. Para

KAREL TCHÁPEK

que eles não o levem para o depósito. *Levanta-se.* | 79
Como você nos odeia! Será que você não gosta de nada no mundo?

Radius Eu posso fazer qualquer coisa. *Batem na porta.*

Helena Entrem!

Dr. Gall *Entra.* Bom dia, senhora Domin. O que você tem de bom aqui?

Helena Este é o Radius, doutor.

Dr. Gall Aaahhh, nosso moço Radius. Então, como vão as coisas, Radius, estamos progredindo?

Helena Hoje de manhã ele teve um ataque. Estava quebrando esculturas.

Dr. Gall Quem diria, ele também?

Helena Saia, Radius!

Dr. Gall Espere! *Vira RADIUS para a janela e fica cobrindo e descobrindo os seus olhos com a palma de mão, observando os reflexos das pupilas.* Vejamos. Por favor, uma agulha ou um alfinete.

Helena *Dá para ele uma agulha grande.* Para que isso?

Dr. Gall Para nada. *Espeta RADIUS no braço, que o retira rapidamente.* Devagar, moço. Você pode ir.

Radius Você faz coisas inúteis. *Sai.*

Helena O que você fez com ele?

Dr. Gall *Senta-se.* Ahn, nada. As pupilas reagem, sensibilidade exacerbada etc. Ah! Este não é um simples caso de câibra de robô!

Helena O que foi?

Dr. Gall Só Deus sabe. Desafio, fúria, revolta, não sei o quê.

A FÁBRICA DE ROBÔS

80 | **Helena** Doutor, o Radius tem alma?

Dr. Gall Não sei. Ele tem algo de detestável.

Helena Se você soubesse como ele nos odeia! Oh, Gall, todos os seus robôs são assim? Todos aqueles que você... começou a fazer... de outra maneira?

Dr. Gall Então, são de alguma forma mais exaltados. O que você queria? São mais parecidos com as pessoas do que os robôs do Rossum.

Helena Será que este ódio deles é uma característica humana?

Dr. Gall *Encolhe os ombros.* Até isto é um progresso.

Helena O que aconteceu com o seu melhor — como ele se chamava?

Dr. Gall O robô Damon? Este foi vendido para o Havre.

Helena E a nossa robô Helena?

Dr. Gall A sua querida? Esta ficou para mim. É adorável e boba como uma boneca de pano. Não serve para nada.

Helena Mas ela é tão bonita!

Dr. Gall E o que você entende disso? Nem da mão de Deus saiu uma obra mais perfeita do que ela! Eu queria que ela se parecesse com você... Deus, que desastre!

Helena Por que desastre?

Dr. Gall Porque não serve para nada. Anda como sonâmbula, trôpega, sem vida... meu Deus, como pode ser linda, se não ama? Olho para ela e fico horrorizado, como se tivesse criado um aleijado. Ah, Helena, robô Helena, então o teu corpo nunca

KAREL TCHÁPEK

ganhará vida, você nunca será uma amante, você não será mãe, essas mãos perfeitas não brincarão com um recém-nascido, você não verá a sua beleza na beleza do seu filho. . . | 81

Helena *Cobrindo o seu rosto.* Oh, cale-se!

Dr. Gall E às vezes eu penso: se você acor-
dasse, Helena, apenas por um instante, aahhh, você
daria um grito de terror! Talvez você me matasse,
eu que a criei; talvez jogaria com a sua mão fraca
uma pedra nas máquinas que criam robôs e matam
a feminilidade, pobre Helena!

Helena Pobre Helena!

Dr. Gall O que você quer? Não serve para
nada.

Pausa.

Helena Doutor. . .

Dr. Gall Sim?

Helena Por que as crianças pararam de nas-
cer?

Dr. Gall . . . não sabemos, dona Helena.

Helena Diga-me!

Dr. Gall Porque se fazem robôs. Porque há
mão de obra demais. Porque o homem é de fato
uma relíquia. Isto já é como se. . . eh!

Helena Diga.

Dr. Gall Como se a natureza tivesse se ofen-
dido com a fabricação dos robôs.

Helena Gall, o que vai acontecer com as pes-
soas?

Dr. Gall Nada. Não se pode fazer nada contra
a natureza.

Helena Por que é que Domin não limita. . .

A FÁBRICA DE ROBÔS

82 | **Dr. Gall** Desculpe, Domin tem as suas próprias ideias. Para as pessoas que têm suas próprias ideias não se deve dar poder sobre as coisas deste mundo.

Helena E alguém está pedindo que... se pare a fabricação de vez?

Dr. Gall Deus me livre! Ele se daria mal!

Helena Por quê?

Dr. Gall Porque as pessoas o matariam a pedradas. Você sabe, aliás, é mais cômodo deixar os robôs trabalharem por você.

Helena *Levanta-se.* E diga-me, se alguém quisesse parar a produção dos robôs de uma vez...

Dr. Gall *Levanta-se.* Hum, isto seria um desastre para as pessoas.

Helena Por que um desastre?

Dr. Gall Porque eles teriam que voltar para a situação anterior. A não ser que ...

Helena Diga.

Dr. Gall A não ser que já seja tarde demais.

Helena *Perto das flores do HALLEMEIER.* Gall, estas flores também são estéreis?

Dr. Gall *Examina-as.* Naturalmente, são flores improdutivas. Sabe, são cultivadas, aceleradas artificialmente: coitadas das flores estéreis!

Dr. Gall Em compensação, são lindas.

Helena *Dá-lhe a mão.* Obrigada, Gall, você me ensinou tanto!

Dr. Gall *Beija a sua mão.* Isto quer dizer que já posso ir?

Helena Sim. Até logo. GALL *sai.*

Helena *Sozinha.* Flor estéril, flor estéril... De

KAREL TCHÁPEK

repente decidida. Nana! Abre a porta à esquerda. | **83**
Nana, venha aqui! Acenda a lareira! Rápido!

A voz da Nana Já, já, num instante!

Helena *Atravessa o quarto nervosa. A não ser que já seja tarde demais... Não! A não ser que... Não, isto é terrível! Deus, o que devo fazer? Dirige-se às flores. Tenho flores estéreis? Está tirando as folhinhas e sussurra. Ai, meu Deus, então sim! Corre para a esquerda.*

Pausa.

Nana *Entra pela porta acarpetada com uma braçada de lenha. Acender o fogo assim de repente! Agora no verão! A desmiolada já foi embora? Ajoelha-se na lareira e acende o fogo. Em pleno verão! Ela tem cada ideia! Como se não estivesse casada já há dez anos! Então, pegue, pegue. Olha para o fogo. Arda, arda! Olha para o fogo. Mas ela é como uma criança! Pausa. Não tem nem um pingo de cérebro! Lareira no verão. Põe lenha no fogo. Parece uma criancinha! Pausa.*

Helena *Volta pela esquerda com uma porção de papéis amarelados. O fogo pegou, Nana? Deixe-me, eu preciso queimar tudo isso.... Ajoelha-se em frente à lareira.*

Nana *Levanta-se. O que é isso?*

Helena Papéis velhos, muito velhos. Nana, você acha que devo queimá-los?

Nana Não servem para nada?

Helena Para nada de bom.

Nana Então queime!

Helena *Joga a primeira folha no fogo. O que*

A FÁBRICA DE ROBÔS

84 | você diria Nana... se isso fosse dinheiro? Muito dinheiro.

Nana Eu diria: queime isso. Muito dinheiro dá azar.

Helena *Queima a folha seguinte.* E se fosse uma invenção, a maior invenção do mundo?

Nana Eu diria: queime isso! Todas as invenções são contra Deus. Isso é só blasfêmia, exigir que Ele melhore o mundo.

Helena *Queimando sem parar.* E diga, Nana, se eu queimasse...

Nana Jesus, não se queime!

Helena Olhe, como as folhas estão se retorcendo! Como se estivessem vivas. Como se tivessem adquirido vida. Oh, Nana, isso é terrível!

Nana Deixe, eu vou queimar isso.

Helena Não, não, eu mesma preciso fazer isso. *Joga a última folha no fogo.* Tudo precisa queimar! Veja as chamas! São como mãos, como línguas, como seres vivos. *Bate com o atizador no fogo.* Oh, morra! Morra!

Nana Já passou.

Helena *Levanta-se paralisada.* Nana!

Nana Jesus Cristo, o que foi que você queimou?

Helena O que foi que eu fiz?!

Nana Deus do céu! O que foi? *Ouve-se a risada de um homem.*

Helena Vá, vá, deixe-me! Está ouvindo? Os patrões estão vindo.

Nana Pelo amor de Deus, Helena! *Sai pela porta forrada.*

KAREL TCHÁPEK

Helena O que eles vão dizer?

| 85

Domin *Abre a porta à esquerda.* Entrem, rapazes. Venham nos congratular. *Entram HALLEMEIER, GALL, ALQUIST, todos com ternos com altas condecorações em miniaturas nas fitas. Atrás deles está DOMIN.*

Hallemeier *Fala alto.* Dona Helena, eu, isto é, nós todos...

Dr. Gall ... em nome da empresa Rossum...

Hallemeier ... a congratulamos pelo seu grande dia.

Helena *Dá-lhes as mãos.* Eu agradeço muito! Onde estão Fabry e Busman?

Domin Foram até o porto. Helena, hoje é um dia feliz.

Hallemeier Um dia como um botão de flor, um dia como um feriado, um dia como uma menina bonita. Rapazes, temos de beber a um dia assim.

Helena Uísque?

Dr. Gall Talvez ácido sulfúrico.

Helena Com soda?

Hallemeier Céus, sejamos moderados, sem soda.

Alquist Não, eu agradeço.

Domin O que estava queimando aqui?

Helena Papéis velhos. *Sai pela esquerda.*

Domin Rapazes, devemos contar a ela?

Dr. Gall Claro que sim! Já acabou tudo.

Hallemeier *Abraça DOMIN e GALL pelo pescoço.* Hahaha! Rapazes, estou contente! *Estão girando e ele fala com voz grave.* Já passou! Já passou!

A FÁBRICA DE ROBÔS

86 |

Dr. Gall *Barítono.* Já passou!

Domin *Tenor.* Já morreu!

Hallemeier Jamais irão nos agarrar.

Helena *Com uma garrafa e copos vindo pela porta.* Quem não vai nos agarrar? O que é que vocês têm?

Hallemeier Estamos contentes. Temos você. Temos tudo. Cruzes, pessoal, faz exatamente dez anos que você chegou aqui.

Dr. Gall E exatamente após dez anos...

Hallemeier ...vem um navio de novo para cá. Portanto... *Esvazia o copo.* Haha! Isso é tão forte como a felicidade.

Dr. Gall Madame, à sua saúde. *Bebe.*

Helena Mas, esperem, que navio?

Domin Seja qual for, desde que venha a tempo. Ao navio, rapazes! *Esvazia o copo.*

Helena *Servindo a bebida.* Vocês estavam esperando algum?

Hallemeier Ha, ha, acho que sim, como Robinson Crusoe. *Levanta o copo.* Dona Helena, viva, o que você quiser. Dona Helena, aos seus olhos, e chega. Domin, conte a ela!

Helena *Está rindo.* O que aconteceu?

Domin *Senta-se na espreguiçadeira e acende um charuto.* Espere!... Sente-se, Helena. *Levanta o dedo.* *Pausa.* Já passou.

Helena O que passou?

Domin A rebelião.

Helena Que rebelião?

Domin A rebelião dos robôs. Você entende?

Helena Não entendo.

KAREL TCHÁPEK

Domin Deixe-me ver, Alquist. ALQUIST *passa o jornal para ele*. DOMIN *o abre e lê*. “No Havre foi estabelecida a primeira organização de robôs — e fez um apelo a todos os robôs do mundo.”

Helena Já li isto.

Domin *Tragando com prazer seu charuto*. Helena, isto significa uma revolução, entende? Uma revolução de todos os robôs do mundo.

Hallemeier Eu gostaria de saber...

Domin *Bate na mesa*. ...quem organizou isto! Ninguém no mundo conseguiu comovê-los, nenhum agitador, nenhum salvador do mundo, e de repente isto, por favor!

Helena Ainda não chegaram as notícias?

Domin Não. Por enquanto sabemos apenas isto, mas é suficiente, sabe? Vejam, esta notícia chegou no último vapor. Que naquele instante pararam de funcionar os telégrafos, que de vinte navios por dia não veio nenhum, e aí está. Paramos a produção e ficamos olhando uns para a cara dos outros, esperando quando isto ia começar, não é rapazes?

Dr. Gall Então, nós ficamos preocupados, dona Helena.

Helena Por isso você me deu o navio de guerra?

Domin Ah, não, minha criança, este encomendei já faz meio ano. Apenas para ter segurança. Mas juro que pensei que hoje embarcávamos nele. Tudo indicava que sim, Helena.

Helena Por que já há meio ano?

Domin Ahh, havia alguns sinais, sabe? Isto

A FÁBRICA DE ROBÔS

88 | não quer dizer nada. Mas esta semana, Helena, se tratava da civilização humana, ou não sei do quê. Saúde, rapazes. Estou de novo contente de estar neste mundo.

Hallemeier Eu concordo, diabos! A você, dona Helena! *Bebe.*

Helena Já passou tudo?

Domin Tudo.

Dr. Gall Vem vindo, aliás, um navio. Um navio de correio de sempre, exatamente no horário. Precisamente às onze e trinta vai baixar a âncora.

Domin Rapazes, pontualidade é uma coisa linda. Não há nada que fortaleça a alma como a pontualidade. Pontualidade significa ordem no mundo. *Levanta o copo.* À pontualidade!

Helena Então já está... tudo... em ordem?

Domin Quase. Acho que cortaram o cabo. Mas pelo menos vale o horário.

Hallemeier Se valer o horário, valerão as leis humanas, as leis divinas, as leis do universo, valerá tudo o que deve valer. O horário é mais do que o evangelho, mais do que Homero, mais do que toda a obra de Kant. O horário é a demonstração mais perfeita do espírito humano. Dona Helena, eu vou me servir de mais bebida.

Helena Por que vocês não me disseram nada?

Dr. Gall Deus nos livre! Preferiríamos morder a nossa língua. Estas coisas não são para você.

Helena Mas se a revolução... viesse até aqui?

Domin Você de qualquer modo não saberia de nada.

Helena Por quê?

KAREL TCHÁPEK

Domin Nós entraríamos no nosso *Ultimus* e navegariamos pacificamente pelo mar. E em um mês, Helena, estaríamos ditando aos robôs o que nos viesse à cabeça.

Helena Oh, Harry, não entendo.

Domin Porque nós levaríamos conosco alguma coisa que os robôs iriam querer muito.

Helena O que, Harry?

Domin A existência deles ou o seu fim. HELENA *levanta-se*. O que é isso?

Domin *Levanta-se*. O segredo da fabricação. O manuscrito do velho Rossum. Quando a fábrica estivesse parada durante um mês os robôs se ajoe-lhariam diante de nós.

Helena Por que... vocês... não me contaram isto?

Domin Não queríamos assustá-la sem necessidade.

Dr. Gall Haha, dona Helena, essa foi a última cartada.

Alquist Você está pálida, dona Helena.

Helena Por que vocês não me falaram nada?

Hallemeier *Na janela*. Onze e trinta. O *Amelia* está baixando as âncoras...

Domin Esse é o *Amelia*?

Hallemeier O velho e bom *Amelia*, que uma vez nos trouxe Helena...

Dr. Gall Agora faz dez anos, exatamente...

Hallemeier *Na janela*. Estão jogando pacotes. *Vira-se da janela*. Gente, quanta correspondência!

Helena Harry!

Domin O que foi?

A FÁBRICA DE ROBÔS

90 |

Helena Vamos sair daqui rápido!**Domin** Agora, Helena? Ora!**Helena** O mais rápido possível! Vamos todos!**Domin** Por que agora?**Helena** Oh, não pergunte! Por favor, Harry, estou pedindo a você. Gall, Hallemeier, Alquist, pelo amor de Deus, estou pedindo a vocês, fechem esta fábrica e...**Domin** Sinto muito, Helena. Agora nenhum de nós pode ir embora.**Helena** Por quê?**Domin** Porque queremos aumentar a produção dos robôs.**Helena** Oh, agora... agora, mesmo depois dessa revolta?**Domin** Sim, exatamente após a revolta. Agora mesmo começaremos a produzir robôs novos.**Helena** Quais?**Domin** Não vai mais haver apenas uma fábrica. Não haverá mais robôs universais. Fundaremos, em todo o país, em cada estado, uma fábrica diferente, e as fábricas novas vão produzir, você já sabe o quê?**Helena** Não.**Domin** Robôs nacionais.**Helena** O que quer dizer?**Domin** Isto quer dizer que de cada fábrica sairão robôs de cores diferentes, cabelos diferentes, línguas diferentes. Os robôs serão diferentes entre si, como pedras, e nunca poderão se entender entre eles, e nós humanos os educaremos um pouco neste sentido, entende? Para que um robô odeie até a

KAREL TCHÁPEK

morte, até a sepultura, para sempre, os robôs de | 91
outra fábrica.

Hallemeier Faremos robôs negros e robôs suecos e robôs italianos e robôs chineses, e depois que alguém colocar nas suas cabeças organização, fraternidade... *Soluçando*. hic! desculpa, dona Helena, vou me servir de mais bebida.

Dr. Gall Pare com isso, Hallemeier.

Helena Harry, isto é horrível!

Domin Helena, só mais cem anos para manter a humanidade no comando a qualquer custo! Só mais cem anos para que eles cresçam, e para que eles desenvolvam todo o seu potencial. Quero cem anos do novo homem! Helena, trata-se de coisas grandiosas demais. Nós não podemos abandonar isto.

Helena Harry, enquanto ainda há tempo: feche, feche a fábrica!

Domin Agora vamos começar em grande escala. *Entra FABRY*.

Dr. Gall O que é que há, Fabry?

Domin Como estão as coisas? O que você achou? O que foi?

Helena *Dá a mão a FABRY*. Obrigada, Fabry, pelo seu presente.

Fabry É só uma lembrança, dona Helena.

Domin Você foi até o navio? O que disseram?

Dr. Gall Conte logo.

Fabry *Tira do bolso uma folha imprensa*. Leia isso, Domin.

Domin *Abre a folha*. Ah!

A FÁBRICA DE ROBÔS

92 | **Hallemeier** *Com sono.* Conte alguma coisa boa!

Dr. Gall Eles aguentaram muito bem, não é?

Fabry Quem?

Dr. Gall As pessoas.

Fabry Ah, é sim. Certamente. Isto é... Desculpe, mas precisamos discutir...

Helena Oh, Fabry, você tem más notícias?

Fabry Não, não, ao contrário. Acho apenas, que... vamos ao escritório.

Helena Fiquem aqui. Dentro de quinze minutos estarei esperando os senhores para o almoço.

Hallemeier Estupendo! **HELENA** *sai.*

Dr. Gall O que aconteceu?

Domin Maldição!

Fabry Leia em voz alta!

Domin *Lê o panfleto.* “Robôs do mundo!”

Fabry Vocês notaram que o *Amelia* trouxe pacotes inteiros destes panfletos. Nenhuma outra correspondência.

Hallemeier *Pula.* O quê? Ela chegou exatamente conforme...

Fabry Hum, robôs gostam de pontualidade. Leia, Domin.

Domin *Lê.* “Robôs do mundo! Nós, a primeira organização de Robôs Universais Rossum declaramos o homem como nosso inimigo e proscrito no universo.” Meu Deus, quem lhes ensinou estas frases?

Dr. Gall Continue lendo.

Domin Que absurdo. Aqui estão contando que são mais desenvolvidos do que o homem. Que

KAREL TCHÁPEK

são mais inteligentes e mais fortes. Que o homem é um parasita deles. Isto é simplesmente repugnante. | 93

Fabry E agora o terceiro parágrafo.

Domin *Lê*. “Robôs do mundo, ordenamos que dizimem toda a humanidade. Não poupem os homens, não poupem as mulheres. Conservem as fábricas, ferrovias, máquinas, minas e matérias primas. Destruam o resto. Depois voltem ao trabalho, o trabalho não deve parar...”

Dr. Gall Isto é horrível!

Hallemeier Oh, que bandidos!

Domin *Lê*. “Agir imediatamente após a ordem ter sido dada.” Seguem instruções detalhadas. Fabry, e isso está mesmo acontecendo?

Fabry Parece que sim.

Alquist É o fim. *BUSMAN entra correndo*.

Busman Ah, rapazes, vocês estão com um grande problema nas mãos.

Domin Rápido, para o *Ultimus*!

Busman Espere, Harry, espere um pouco. Isso não tem tanta pressa. *Cai na poltrona*. Ah, gente, eu corri muito!

Domin Por que esperar?

Busman Porque não dá, veja. Já há robôs no *Ultimus*.

Dr. Gall Hum... isto é ruim.

Domin Fabry, ligue para a usina...

Busman Fabry, querido, não faça isso. Estamos sem força.

Domin Certo. *Examina o seu revólver*. Vou para lá.

Busman Aonde?

A FÁBRICA DE ROBÔS

94 | **Domin** Para a usina. Lá tem gente, vou trazê-los para cá.

Busman Sabe de uma coisa, Harry? É melhor não buscá-los.

Domin Por quê?

Busman Porque parece que já estamos totalmente cercados.

Dr. Gall Cercados? *Corre à janela.* Hum, você tem razão.

Hallemeier Diabos, as coisas estão se precipitando! *Pela esquerda vem HELENA.*

Helena Oh, Harry, o que está havendo?

Busman *Levanta-se.* Meus cumprimentos, dona Helena. Parabéns. Um dia especial, não é? Desejo-lhe muitos outros dias como este!

Helena Obrigada, Busman. Harry, está acontecendo alguma coisa?

Domin Não, nada, não se preocupe. Por favor, espere um pouco...

Helena Harry, o que é isso? *Mostra a declaração dos robôs, que estava escondendo atrás das costas.* Os robôs tinham isso na cozinha.

Domin Até lá? Onde estão?

Helena Saíram. Há muitos em volta da casa! *Ouvem-se apitos e sirenes da fábrica.*

Fabry As fábricas estão apitando.

Busman Meio-dia.

Helena Harry, você se lembra? Agora faz exatamente dez anos...

Domin *Olha no relógio.* Ainda não é meio-dia. Isso talvez seja... é mais provável...

Helena O quê?

KAREL TCHÁPEK

Domin O alarme dos robôs. Um ataque. | **95**
Cortina.



Ato II

O mesmo salão de Helena. No quarto à esquerda, Helena toca piano. Domin perambula pelo quarto, Dr. Gall olha pela janela e Alquist está sentado ao lado, na poltrona, com o rosto coberto pelas mãos.

Dr. Gall Céus, há cada vez mais deles!

Domin Robôs?

Dr. Gall Sim. Estão na frente da grade do jardim, como uma muralha. Por que estão tão quietos? É horrível, fazerem esse cerco calados.

Domin Eu gostaria de saber o que eles estão esperando. Isso deve começar a qualquer momento. Jogamos nossa última cartada, Gall.

Alquist O que dona Helena está tocando?

Domin Não sei. Está praticando alguma música de novo.

Alquist Ah, está praticando ainda?

Dr. Gall Escute, Domin, com certeza nós cometemos um erro.

Domin Para. Qual?

Dr. Gall Demos aos robôs rostos muito parecidos. Cem mil rostos iguais virados para cá. Cem mil rostos sem expressão. É como um pesadelo.

Domin Se cada um fosse diferente...

Dr. Gall Não seria uma imagem tão terrível. *Vira de costas para a janela.* Ainda bem que não estão armados!

A FÁBRICA DE ROBÔS

98 | **Domin** Hum... *Olha com binóculo para o porto.* Eu só queria saber o que é que eles estão descarregando do *Amelia*.

Dr. Gall Espero que não sejam armas. **FABRY** *entra de costas pela porta forrada puxando dois fios elétricos.*

Fabry Perdão... Coloque o fio, Hallemeier!

Hallemeier *Sai atrás de FABRY.* Ufa, isso deu trabalho! O que há de novo?

Dr. Gall Nada. Estamos completamente cercados.

Hallemeier Colocamos barricadas no corredor e na escada, rapazes. Vocês não têm um pouco de água? Ah, aqui. *Bebe.*

Dr. Gall O que vamos fazer com o fio, Fabry?

Fabry Um momento! Preciso de uma tesoura.

Dr. Gall Onde ela está? *Está procurando.*

Hallemeier *Vai até a janela.* Puxa, há muitos mais deles! Vejam!

Dr. Gall Pode ser uma tesoura de unha?

Fabry Passe para cá. *Corta o fio do abajur que está na escrivaninha e liga os seus fios ao mesmo.*

Hallemeier *Na janela.* Não parece nada bom, Domin. Isso de alguma forma... cheira... à morte.

Fabry Pronto!

Dr. Gall O quê?

Fabry A ligação. Agora podemos ligar a corrente em toda a grade do jardim. Eles que tentem encostar ali! Pelo menos enquanto os nossos homens ainda resistirem.

Dr. Gall Onde?

KAREL TCHÁPEK

Fabry Na usina, meu caro. Espero pelo menos... *Vai até a lareira e acende uma pequena lâmpada.* Graças a Deus, estão lá. E estão trabalhando. *Apaga.* Enquanto houver luz, está bom.

Hallemeier *Vira da janela.* As barricadas também são boas, Fabry. Digam-me, o que a dona Helena está tocando? *Passa até a porta à esquerda e escuta.* *Da porta forrada entra BUSMAN.* *Ele carrega enormes livros contábeis. Tropeça no fio.*

Fabry Cuidado, Bus! Preste atenção nos fios!

Dr. Gall Olá, o que você está carregando?

Busman *Coloca os livros na mesa.* Os livros mais importantes, rapazes. Eu gostaria de fazer as contas antes... antes... então, este ano não vou esperar o balancete de Ano Novo. O que é que vocês têm? *Vai até a janela.* Mas está um silêncio por lá!

Dr. Gall Você não está vendo nada?

Busman Não, apenas uma grande área azul, como se tivesse sido coberta de papoulas.

Dr. Gall São os robôs.

Busman Ah, é. Pena que não posso vê-los. *Senta-se à mesa e abre os livros.*

Domin Deixe disso, Busman: Os robôs do *Amelia* estão descarregando armas.

Busman E daí? Como posso impedir isto?

Domin Nós não podemos impedir.

Busman Então me deixem fazer as contas. *Começa a trabalhar.*

Fabry Isso ainda não é o fim, Domin. Enviamos às grades dois mil volts e...

A FÁBRICA DE ROBÔS

100| **Domin** Esperem. O *Ultimus* virou os canhões em nossa direção.

Dr. Gall Quem?

Domin Os robôs do *Ultimus*.

Fabry Hum, aí, certamente... será o nosso fim, rapazes. Os robôs foram treinados para a guerra.

Dr. Gall Então nós...

Domin Sim. É inevitável.

Pausa.

Dr. Gall Rapazes, foi um crime da velha Europa ter ensinado os robôs a fazer guerra! Diabo, eles já não podiam abandonar aquela política? Foi um crime transformar a mão de obra em soldados!

Alquist Crime foi começar a fabricar robôs!

Domin Como?

Alquist O crime foi fabricar robôs!

Domin Não. Alquist, não me arrependo disso, nem mesmo hoje.

Alquist Nem hoje?

Domin Nem hoje, no último dia da civilização. Foi um grande feito.

Busman *Em voz baixa.* Trezentos e dezesseis milhões.

Domin *Sério.* Alquist, esta é a nossa última hora, estamos falando quase do além. Alquist, isso não foi um pesadelo, acabar com a escravidão do trabalho. Trabalho, humilhante e terrível que o homem tinha que suportar. Trabalho árduo, sujo e assassino. Ah, Alquist, trabalhava-se muito pesado. Vivia-se muito dificilmente. E para superar isso...

Alquist ...esse não era o sonho dos dois

KAREL TCHÁPEK

Rossum. O velho Rossum pensava em suas maquinações ateístas e o jovem em seus bilhões. E isso não é o sonho de todos os acionistas da R.U.R. O sonho deles são os dividendos. E por causa dos seus dividendos a humanidade perecerá. |101

Domin *Irritado.* Que o diabo leve os seus dividendos! Você acha que eu trabalharia, nem que fosse uma hora só, para eles? *Bate na mesa.* Eu fiz isto para mim, está me ouvindo? Para a minha satisfação! Eu queria que o homem se tornasse soberano! Para não viver mais apenas para ter um pedaço de pão! Queria que nenhuma alma se acabasse nas máquinas alheias. Para que não sobrasse nada, nada, nada, daquela maldita hierarquia social! Oh, eu tenho aversão à humilhação e à dor, a pobreza me é repugnante! Eu queria uma nova geração! Eu queria... pensei...

Alquist Então?

Domin *Mais baixo.* Queria fazer de toda a humanidade a aristocracia do mundo. Pessoas sem limites, livres, pessoas soberanas. E talvez até mais do que pessoas.

Alquist Você quis dizer super-homens.

Domin Sim. Oh, se eu ao menos tivéssemos mais cem anos! Mais cem anos para a humanidade futura!

Busman *Em voz baixa.* Conduzir trezentos e setenta milhões... *Pausa.*

Hallemeier *Perto da porta à esquerda.* Pois é, a música é algo grandioso. Vocês deveriam ter escutado. Ela espiritualiza o homem de alguma forma, refina...

A FÁBRICA DE ROBÔS

102| **Fabry** O quê mesmo?

Hallemeier Este crepúsculo da humanidade, diabos! Rapazes, estou me tornando um *bon vivant*. Deveríamos ter começado a fazer isso mais cedo. *Vai à janela e olha para fora.*

Fabry Para quê?

Hallemeier Para desfrutar das coisas belas. Há tantas coisas belas! O mundo era belo, e nós... nós aqui... Rapazes, rapazes, digam-me, o que nós aproveitamos?

Busman *Em voz baixa.* Quatrocentos e cinquenta e dois milhões, ótimo.

Hallemeier *Na janela.* A vida era algo formidável. Amigos, a vida era... Fabry, mande um pouco de corrente para aquela sua grade!

Fabry Por quê?

Hallemeier Estão tocando nela.

Dr. Gall *À janela.* Ligue! FABRY *clica no interruptor.*

Hallemeier Cristo, isto os matou, dois três, quarto mortos!

Dr. Gall Estão recuando.

Hallemeier Cinco mortos!

Dr. Gall *Vira-se da janela.* Primeiro choque.

Fabry Vocês estão sentindo a morte?

Hallemeier *Satisfeito.* Ficaram carbonizados. Completamente carbonizados. Haha, a gente não pode desistir! *Senta-se.*

Domin *Esfrega a testa.* Talvez já estejamos mortos há cem anos e agora sejamos apenas fantasmas. Talvez faça muito, muito tempo que já estamos mortos e estamos apenas assombrando.

KAREL TCHÁPEK

Talvez já faça muito, muito tempo que nos mata-ram e voltamos apenas para dizer o que já dissemos uma vez... antes da morte. Como se eu já tivesse vivido tudo isto. Como se eu já tivesse recebido um tiro — aqui no pescoço. E você, Fabry... |103

Fabry Eu o quê?

Domin Morto a tiro.

Hallemeier Diabos, e eu?

Domin Apunhalado.

Dr. Gall E eu nada?

Domin Estraçalhado.

Pausa.

Hallemeier Bobagem! Haha, homem, como alguém pode me apunhalar! Eu me defendo!

Pausa.

Hallemeier Por que vocês estão tão quietos, seus loucos? Diabos, falem!

Alquist E quem é o culpado? De quem é a culpa?

Hallemeier Bobagem. Ninguém tem culpa. Acontece que os robôs... os robôs mudaram de alguma forma. Será que alguém tem culpa pelos robôs?

Alquist Massacre! A humanidade inteira! O mundo todo! *Levanta-se.* Vejam, oh, vejam, rios de sangue em cada porta! Rios de sangue saindo de todas as casas. Oh, Deus, quem é o culpado?

Busman *Sussurrando.* Quinhentos e vinte milhões! Meu Deus, meio bilhão!

Fabry Acho que... que talvez você esteja exagerando. Ora, não é tão fácil matar toda a humanidade.

A FÁBRICA DE ROBÔS

104| **Alquist** Estou denunciando a ciência! Denuncio a técnica! Domin! A mim mesmo! A nós todos! Nós, nós somos culpados! Por causa da nossa mania de grandeza, por causa dos lucros de alguém, pelo progresso, e sabe-se lá por quê mais, exterminamos a humanidade! Agora vocês serão esmagados pela sua mania de grandeza! Um túmulo assim gigantesco de ossos humanos nenhum Gengis Khan jamais ousou construir!

Hallemeier Bobagem, homem! As pessoas não vão se deixar derrotar tão facilmente. Nem um pouco!

Alquist Nossa culpa! Nossa culpa!

Dr. Gall *Enxuga o suor da testa.* Deixem-me falar, rapazes. Eu sou o culpado disso. De tudo o que aconteceu.

Fabry Você, Gall?

Dr. Gall Sim, deixem-me falar. Eu modifiquei os robôs. Busman, julgue-me também.

Busman *Levanta-se.* Então, o que aconteceu?

Dr. Gall Modifiquei o caráter dos robôs. Mudei a sua produção. Quer dizer, apenas algumas características físicas, entendem? Mas principalmente... o seu... temperamento.

Hallemeier *Pula.* Maldito, por que justamente isto?

Busman Por que você fez isso?

Fabry Por que você não me disse nada?

Dr. Gall Fiz em segredo... por conta própria. Transformava-os em pessoas. Desequilibrei-os. De certo modo, já são superiores a nós em algumas coisas. São mais fortes do que nós.

KAREL TCHÁPEK

Fabry E o que isso tem a ver com a revolta dos robôs? |105

Dr. Gall Oh, muito. Acho que tudo. Deixaram de ser máquinas. Ouçam, já sabem que são a maioria e nos odeiam. Odeiam tudo o que é humano. Julguem-me.

Domin Mortos julgando um morto.

Fabry Doutor Gall, você alterou a fabricação dos robôs?

Dr. Gall Mudei.

Fabry Você tinha consciência das consequências de seu... de seu experimento?

Dr. Gall Eu tinha que contar com esta possibilidade.

Fabry Por que você fez isso?

Dr. Gall Por minha conta, era uma experiência pessoal. *Na porta da esquerda aparece HELENA. Todos se levantam.*

Helena Ele está mentindo! Isso é horrível! Oh, Gall, como você pode mentir assim?

Fabry Desculpe, dona Helena...

Domin *Aproxima-se dela.* Helena, você? Deixe-me ver! Você está viva? *Toma ela em seus braços.* Se você soubesse o que sonhei! Ah, isso é horrível, estar morto.

Helena Largue-me, Harry! Gall não é o culpado, não é o culpado!

Domin Desculpe, mas Gall tem sua parcela de responsabilidade nisso tudo.

Helena Não, Harry, ele fez isso porque eu quis! Diga, Gall, durante quantos anos eu já pedia a você, para...

A FÁBRICA DE ROBÔS

106| **Dr. Gall** Sou o único responsável.

Helena Não acreditem no que ele está dizendo!
Harry, eu queria que ele desse alma aos robôs!

Domin Helena, não se trata de alma.

Helena Não, deixe-me falar. Ele também disse a mesma coisa, que ele apenas poderia modificar algo fisiológico. . .

Hallemeier A correlação fisiológica, não é?

Helena Sim, algo assim. Eu estava com tanta pena deles, Harry!

Domin Isto foi uma grande leviandade, Helena.

Helena *Senta-se.* Então isso foi. . . leviano? Mas até a Nana diz que os robôs. . .

Domin Deixe a Nana fora disso!

Helena Não, Harry, você não pode subestimar isso, a Nana é a voz do povo. A Nana fala com a voz de milhares de anos, e vocês todos apenas com a do dia de hoje. Vocês não entendem. . .

Domin Não se desvie do assunto.

Helena Eu tinha medo dos robôs.

Domin Por quê?

Helena Porque talvez eles nos odiassem, ou algo parecido.

Alquist Aconteceu.

Helena Então pensei. . . se eles fossem como nós, se eles nos entendessem, não poderiam nos odiar. Se eles fossem só um pouco humanos!

Domin Ai é que está o erro, Helena! Ninguém pode detestar mais o homem do que outro homem! Transforme pedras em seres humanos e eles nos matarão a pedradas! Continue!

KAREL TCHÁPEK

Helena Oh, não fale assim! Harry, era tão terrível que não pudéssemos nos entender com eles! Uma estranheza enorme entre nós e eles! E por isso, sabe. . . |107

Domin Continue.

Helena . . . por isso pedi ao Gall que modificasse os robôs. Juro que ele mesmo não quis.

Domin Mas o fez.

Helena Porque eu quis.

Dr. Gall Fiz isso por mim, como experiência.

Helena Oh, Gall, isto não é verdade. Eu já sabia de antemão que você não poderia recusá-lo se eu pedisse.

Domin Por quê?

Helena Você sabe, Harry.

Domin Sim. . . Porque ele te ama. . . como todos nós.

Pausa.

Hallemeier *Vai até a janela.* Há mais deles, mais ainda. Como se brotassem da terra.

Busman Dona Helena, o que você vai me dar se eu me tornar o seu advogado?

Helena Meu?

Busman Seu. . . ou do Gall. De quem você quiser.

Helena Será que alguém vai ser enforcado?

Busman Apenas no sentido moral, dona Helena. Estamos procurando um culpado. É uma enorme satisfação durante catástrofes.

Domin Doutor Gall, como você vai conciliar essas suas experiências com o seu contrato de serviço?

A FÁBRICA DE ROBÔS

108| **Busman** Desculpe, Domin, quando é que você começou com estas suas peripécias, Gall?

Dr. Gall Faz três anos.

Busman Aaah. E quantos robôs ao todo você reformou?

Dr. Gall Eu fiz apenas experiências. Há algumas centenas deles.

Busman Então, muito obrigado. Já basta, rapazes. Isso quer dizer que para cada um milhão de robôs bons antigos há um reformado pelo Gall, entendem?

Domin E isso quer dizer...

Busman ...que na prática isso não é muito significativo.

Fabry Busman tem razão.

Busman Pois eu penso assim. Vocês sabem, rapazes, o que causou esta confusão?

Fabry O que foi então?

Busman A quantidade. Nós fizemos robôs demais. Claro que podíamos esperar isto; quando os robôs se tornassem mais poderosos do que a humanidade, isso tinha de acontecer, tinha de acontecer, sabem? Haha, e nós providenciamos que isso acontecesse o mais cedo possível; você, Domin, você, Fabry, e eu.

Domin Você acha que é nossa culpa?

Busman Que ideia! Você acha que o dono da produção é o diretor? Não é. O dono da produção é a demanda. Todo mundo queria ter os seus robôs. Meu Deus, nós apenas pegamos carona nesta avalanche de demanda e ao mesmo tempo ficávamos tagarelando sobre... técnica, questão social, pro-

KAREL TCHÁPEK

gresso, e muitas coisas interessantes. Como se essas conversinhas tivessem influência sobre o rumo que as coisas iriam tomar. Ao mesmo tempo, as coisas foram tomando seu próprio rumo, mais rápido, mais rápido, sempre mais rápido. E cada pedido miserável, sujo, de uma empresa, adicionava uma pedrinha à avalanche. Foi assim, pessoal. |109

Helena Que horror, Busman!

Busman É, dona Helena. Eu também tinha um sonho. Um sonho sobre uma nova economia no mundo, um ideal muito bonito, dona Helena, nem quero falar. Mas quando eu estava fazendo um balancete aqui, lembrei-me de que a história não é feita de grandes sonhos, mas das pequenas necessidades de todas as pessoas insignificantes, honradas, um pouco desonestas, egoístas, de fato, de todo mundo. Todos os pensamentos, amores, planos, heroísmos, todas essas coisas aéreas servem apenas para que o homem seja empalhado com elas num Museu Cósmico, com a inscrição: “Eis o homem”. Ponto. E agora vocês poderiam me dizer o que faremos de fato?

Helena Busman, será que nós devemos perecer por isso?

Busman Não diga isso, dona Helena. Mas nós não queremos perecer. Eu pelo menos não. Quero viver ainda. . .

Domin O que você quer fazer?

Busman Meu Deus, Domin, quero achar uma saída.

Domin *Para perto dele.* Como?

Busman Por bem. Eu sempre faço por bem.

A FÁBRICA DE ROBÔS

110| Deem-me uma procuração e eu vou resolver com os robôs.

Domin Por bem?

Busman Naturalmente! Eu lhes direi, por exemplo: “Senhores robôs, suas excelências, vocês têm tudo. Vocês têm raciocínio, têm poder, têm armas; mas nós temos um documento interessante, um papel velho, amarelo e sujo”.

Domin O manuscrito de Rossum?

Busman É. “E lá,” direi para eles, “está explicada a sua origem nobre, sua produção aristocrática etc. Senhores robôs, sem aquele papel rabiscado vocês não poderão produzir nem um único colega novo... robô; dentro de vinte anos, desculpem, vocês morrerão como moscas. Caros, seria uma grande pena perdê-los”. Vocês sabem, direi a eles: “Vocês vão nos soltar, todas as pessoas da Ilha de Rossum, e partiremos naquele navio. Em troca, nós lhes venderemos a fábrica e o segredo da produção. Deixem-nos ir embora com Deus e nós deixaremos que vocês se reproduzam com Deus, vinte mil, cinquenta mil, cem mil unidades por dia, como vocês quiserem. Senhores robôs, este é um negócio justo. É uma troca”. É o que eu diria a eles, rapazes.

Domin Busman, você acha que abandonaremos a produção?

Busman Acho que sim. Se não for por bem... Ou venderemos, ou eles acharão tudo aqui. Como vocês quiserem.

Domin Busman, podemos destruir o manuscrito de Rossum.

KAREL TCHÁPEK

Busman Claro, Deus nos permita, podemos |111
destruir tudo. Além do manuscrito, também a
nós mesmos... e aos outros. Façam como bem
entenderem.

Hallemeier *Vira-se da janela.* Vejam, ele tem
razão.

Domin Nós... será que nós venderíamos a
produção?

Busman Como vocês quiserem.

Domin Estamos aqui... em mais de trinta
pessoas. Devemos vender a produção e salvar as
almas humanas? Ou devemos destruí-la e... e a
nós todos junto?

Helena Harry, por favor!

Domin Espere, Helena. Aqui se trata de uma
questão muito séria. Rapazes, vender ou destruir?
Fabry?

Fabry Vender.

Domin Gall!

Dr. Gall Vender.

Domin Hallemeier!

Hallemeier Ora, vender, é claro!

Domin Alquist!

Alquist A vontade de Deus.

Busman Haha, sabem, vocês são loucos!
Quem venderia o manuscrito todo?

Domin Busman, sem trapaças!

Busman *Pula.* Bobagem! É do interesse da
humanidade...

Domin É do interesse da humanidade manter
a palavra.

Hallemeier Insisto nisso.

A FÁBRICA DE ROBÔS

112| **Domin** Rapazes, esse é um passo terrível. Estamos vendendo o destino da humanidade; quem tiver a produção nas mãos, será o dono do mundo.

Fabry Vendam!

Domin A humanidade nunca mais poderá lidar com os robôs, nunca mais os dominará. . .

Gall Calem-se e vendam!

Domin É o fim da história dos povos, o fim da civilização. . .

Hallemeier Diabos, vendam!

Domin Está bem, rapazes! Eu mesmo. . . eu não hesitaria nenhum momento; por causa de algumas pessoas que eu amo.

Helena Harry, você não me pergunta nada?

Domin Não, minha criança, isto requer muita responsabilidade, sabe? Isto não compete a você.

Fabry Quem vai negociar?

Domin Esperem, vou trazer o manuscrito. *Sai pela esquerda.*

Helena Harry, pelo amor de Deus, não vá!

Pausa.

Fabry *Olhando da janela.* Para escapar de você, morte de mil cabeças, de você, matéria revoltada, multidão insensata; dilúvio, dilúvio, mais uma vez vamos salvar a vida humana num único navio.

Dr. Gall Não tenha medo, dona Helena; navegaremos para longe daqui e fundaremos uma colônia humana exemplar, vamos recomeçar nossas vidas. . .

Helena Gall, cale-se!

Fabry *Vira-se.* Dona Helena, a vida vale a

KAREL TCHÁPEK

pena; e no que depender de nós, faremos alguma coisa... alguma coisa que omitimos. Vai ser um pequeno país com um navio; Alquist construirá uma casa e você irá nos governar... Temos tanto amor em nós, tanta vontade de viver...

Hallemeier Pois estou pensando assim também.

Busman Então, rapazes, já eu, começaria tudo de novo. Muito simplesmente, de acordo com o Velho Testamento, como pastor... Isso seria para mim, o sossego...

Fabry E o nosso pequeno país poderia ser o embrião da humanidade futura. Vocês sabem, uma pequena ilha, onde o povo se fixaria, onde recuperaria as forças... forças da alma e do corpo. E, Deus sabe, eu acredito que daqui a alguns anos poderia de novo conquistar o mundo.

Alquist Você já está acreditando nisso agora?

Fabry Já. E acredito, Alquist, que o nosso pequeno país conquistará o mundo. Que vai ser de novo o dono da terra e dos mares; que irá produzir um grande número de heróis, que carregarão a sua alma ardente, liderando as pessoas. E acredito, Alquist, que nosso país irá de novo sonhar em conquistar planetas e sóis.

Busman Amém. Veja, Dona Helena, não é uma situação tão ruim. *DOMIN abre a porta com violência.*

Domin Rouco. Onde está o manuscrito do velho Rossum?

Busman No seu cofre, em que outro lugar poderia estar?

A FÁBRICA DE ROBÔS

- 114| **Domin** Onde foi parar o manuscrito do velho Rossum! Quem o roubou!
- Dr. Gall** Não é possível!
- Hallemeier** Maldição, não me diga que...
- Busman** Meu Deus, não pode ser!
- Domin** Silêncio! Quem o roubou?
- Helena** *Levanta-se.* Eu.
- Domin** Onde você o colocou?
- Helena** Harry, Harry, vou te contar tudo! Pelo amor de Deus, me desculpe!
- Domin** Onde você o colocou? Rápido!
- Helena** Eu o queimei... hoje de manhã... as duas cópias.
- Domin** Queimou? Aqui na lareira?
- Helena** Pelo amor de Deus, Harry!
- Domin** *Corre até a lareira. Queimou! Ajoelha-se em frente à lareira e remexe as cinzas. Nada, nada além de cinzas! Ah, aqui! Tira um pedaço queimado de papel e lê. “Pela adição...”*
- Dr. Gall** Mostre-me. *Pega o papel e lê. “Pela adição do biógeno no...”* Mais nada.
- Domin** *Levanta-se.* É parte do manuscrito?
- Dr. Gall** É.
- Busman** Meu Deus!
- Domin** Então estamos perdidos.
- Helena** Oh, Harry!
- Domin** Levante-se, Helena!
- Helena** Quando você me desculpar... quando você me desculpar...
- Domin** Sim, apenas levante-se, está me ouvindo? Não suporto que você...

KAREL TCHÁPEK

Fabry *Levanta* HELENA. Por favor, não nos torture! |115

Helena *Levanta-se*. Harry, o que foi que eu fiz?!

Domin Sim, você está vendo... Por favor, sente-se.

Hallemeier Como as suas mãos estão tremendo!

Busman Dona Helena, talvez o Gall e o Hallemeier saibam de cor o que estava escrito lá.

Hallemeier Naturalmente. Isto é, pelo menos em parte.

Dr. Gall Sim, quase tudo, menos o biógeno e a enzima Ômega. Estes estão sendo produzidos muito raramente. É suficiente uma quantidade mínima dos mesmos...

Busman Quem os fazia?

Dr. Gall Eu mesmo... de vez quando... sempre conforme o manuscrito do Rossum. Sabe, é muito complicado.

Busman Então, será que esses dois líquidos miseráveis são tão importantes?

Hallemeier Um pouco... com certeza.

Dr. Gall Quer dizer, deles depende que a massa viva. Esse era o segredo em si.

Domin Gall, você não poderia preparar de cor a receita da produção do Rossum?

Dr. Gall Impossível.

Domin Gall, lembre-se. Pela vida de todos nós!

Dr. Gall Não posso. Sem experiências, não é possível.

A FÁBRICA DE ROBÔS

116| **Domin** E se você fizesse das experiências?

Dr. Gall Isso poderia levar anos. E depois... não sou o velho Rossum.

Domin *Vira-se para a lareira.* Então este foi o maior triunfo do espírito humano, rapazes. Estas cinzas. *Dá um chute nelas.* E agora?

Busman *Com muito desespero.* Deus do céu! Deus do céu!

Helena *Levanta-se.* Harry! O que foi que eu fiz?

Domin Fique calma, Helena. Diga, por que você queimou isso?

Helena Eu os destruí!

Busman Deus do céu, estamos perdidos!

Domin Silêncio, Busman! Diga, Helena, por que você fez isso?

Helena Eu queria... queria que nós fôssemos embora, todos nós! Que não houvesse mais fábrica, nem nada... Para que tudo voltasse... Foi tão terrível!

Domin O quê, Helena?

Helena O fato... o fato de que as pessoas se tornaram flores estéreis!

Domin Não entendo.

Helena O fato de que as crianças pararam de nascer... Harry, isso é horrível! Se os robôs continuassem a ser produzidos, nunca mais haveria crianças. Nana disse que isso é um castigo. Todos diziam que as pessoas não podem nascer porque se fazem tantos robôs. E por isso, apenas por isso, está me ouvindo?

Domin Helena, você estava pensando nisso?

KAREL TCHÁPEK

Helena Sim, oh, Harry, minha intenção era realmente boa! |117

Domin *Enxuga o suor.* Nossa intenção, de nós humanos... era muito boa.

Fabry Você fez bem, dona Helena. Os robôs não podem mais se multiplicar. Os robôs vão desaparecer. Dentro de 20 anos...

Hallemeier Não existirá mais nenhum desses miseráveis.

Dr. Gall E a humanidade permanecerá. Dentro de vinte anos o mundo será deles; mesmo que fossem só uns selvagens na menor das ilhas...

Fabry ...será um começo. E desde que haja um começo, será bom. Dentro de mil anos eles poderão nos alcançar e depois irão mais longe do que nós...

Domin ...para cumprir o que apenas imaginávamos em nossos pensamentos.

Busman Esperem! Como sou tolo! Deus do céu, por que não pensei nisso antes!

Hallemeier O que foi?

Busman Quinhentas e vinte notas e cheques! Meio bilhão na caixa! Por meio bilhão eles venderão... Por meio bilhão...

Dr. Gall Você ficou louco, Busman?

Busman Eu não sou um cavalheiro. Mas por meio bilhão. *Anda cambaleando para a esquerda.*

Domin Aonde você vai?

Busman Deixe, deixe! Minha nossa, por meio bilhão se vende tudo! *Sai.*

Helena O que o Busman quer fazer! Fique conosco!

A FÁBRICA DE ROBÔS

118| *Pausa.*

Hallemeier Está abafado. Está começando...

Dr. Gall ... a agonia.

Fabry *Olha para fora da janela.* Estão como que petrificados. Como se esperassem que alguma coisa fosse cair sobre eles. Como se alguma coisa terrível surgisse de seu silêncio.

Dr. Gall A alma da multidão.

Fabry Talvez. Está pairando sobre eles... como um tremor.

Helena *Vai até a janela.* Ah, Jesus... Fabry, isto é horrível!

Fabry Não há nada mais terrível do que a multidão. O robô que está na frente é o líder deles.

Helena Qual?

Hallemeier *Vai até a janela.* Mostre-me.

Fabry Aquele com a cabeça abaixada. De manhã estava falando no porto.

Hallemeier Aah, aquele com a cabeçorra. Está levantando agora, vocês o estão vendo?

Helena Gall, é o Radius!

Dr. Gall *Chega à janela.* É.

Hallemeier *Abre a janela.* Não estou gostando dele, Fabry, você acertaria uma lata a cem passos?

Fabry Espero que sim.

Hallemeier Então tente.

Fabry Está certo. *Tira o revólver e mira.*

Helena Meu Deus, Fabry, não atire nele...

Fabry É o líder deles.

Helena Pare! Ele está olhando para cá!

Dr. Gall Atire!

KAREL TCHÁPEK

Helena Fabry, por favor... |119

Fabry *Abaixa a arma.* Que seja.

Hallemeier *Ameaça com o punho.* Seu crápula!

Pausa.

Fabry *Debruçado para fora da janela.* Busman está indo lá. Que estranho, o que o Busman quer na frente da casa?

Dr. Gall *Debruçado para fora da janela.* Está carregando alguns pacotes. Papéis.

Hallemeier Isto é dinheiro! Pacotes de dinheiro! O que vai fazer com isto? Ei, Busman!

Domin Será que ele quer negociar a sua vida? *Chamando.* Busman, você ficou louco?

Dr. Gall Ele finge que não está escutando. Está correndo até a grade.

Fabry Busman!

Hallemeier *Grita.* Busman! Volte!

Dr. Gall Ele está falando com os robôs. Está mostrando o dinheiro. Está apontando para nós...

Helena Quer nos resgatar!

Fabry Espero que não toque na grade...

Dr. Gall Haha! Vejam como ele gesticula!

Fabry *Grita.* Diabo, Busman! Afaste-se da grade! Não encoste nela! *Vira-se.* Rápido, desliguem!

Gall Ooohhh!

Hallemeier Meu Deus!

Helena Jesus, o que aconteceu a ele?

Domin *Tira HELENA da janela.* Não olhe!

Helena Por que caiu?

Fabry Foi morto pela corrente.

A FÁBRICA DE ROBÔS

120|

Dr. Gall Morto.

Alquist *Levanta-se.* O primeiro.

Pausa.

Fabry Está deitado lá... com meio bilhão sobre o peito... o gênio das finanças.

Domin Ele era... rapazes, ele era a seu próprio modo um herói. Um grande... dedicado... amigo... Pode chorar, Helena!

Dr. Gall *À janela.* Veja, Busman, nenhum rei teve um túmulo maior do que o seu. Meio bilhão sobre o peito. Ah, mas é como um punhado de folhas secas sobre um esquilo morto, pobre Busman!

Hallemeier E eu digo, ele era... Que honra... ele quis nos redimir!

Alquist *Com as mãos em prece.* Amém.

Pausa.

Dr. Gall Estão ouvindo?

Domin Um zumbido. Parece vento.

Dr. Gall Como uma tempestade distante.

Fabry *Acende a lâmpada na lareira.* Ilumine, candelária, em memória da humanidade! Os dínamos ainda estão funcionando, lá ainda estão os nossos homens... Aguentem, homens da usina!

Hallemeier Foi uma grande coisa, ser homem. Foi algo grandioso. Dentro de mim estão tindo milhões de consciências como numa colmeia. Milhões de almas estão se encontrando dentro de mim. Amigos, foi algo imenso.

Fabry Você ainda ilumina, centelha engenhosa, ainda está ofuscando, ideia brilhante, perene!

KAREL TCHÁPEK

Ápice da ciência, sublime criação da humanidade! |121
Chama incandescente do espírito!

Alquist Luz eterna de Deus, ígnea carruagem,
vela santa da fé. Rezem! Ó, altar de sacrifícios...

Dr. Gall Fogo primevo, as tochas ardem perto
da gruta! Fogueira no acampamento! Fronteira de
proteção!

Fabry Você ainda está acordada, estrela hu-
mana, brilhando sem oscilar, chama perfeita,
espírito claro e engenhoso. Cada um de seus raios
é uma ideia portentosa...

Domin Tocha que circula de mão em mão, de
uma era a outra, mundo sem fim.

Helena Lâmpada eterna da família. Filhos, é
chegada a hora de dormir. *A lâmpada se apaga.*

Fabry É o fim.

Hallemeier O que aconteceu?

Fabry A usina caiu. Agora é a nossa vez. *A
porta se abre à esquerda, revelando NANA.*

Nana Ajoelhem-se! Chegou a hora do Juízo
Final!

Hallemeier Você ainda está viva?

Nana Façam penitência, hereges! É o fim do
mundo! Rezem! *Corre para fora.* É chegada a
hora do Juízo Final...

Helena Adeus a todos vocês, Gall, Alquist,
Fabry...

Domin *Abre a porta à direita.* Para cá, He-
lena! Feche a porta atrás dela. Agora, rápido!
Quem vai ficar no portão?

Dr. Gall Eu. *Ouve-se um barulho lá fora.*

A FÁBRICA DE ROBÔS

122| Ooohhh, já vai começar. Salvem-se, rapazes! *Corre para a direita pela porta forrada.*

Domin Na escada?

Fabry Eu. Vá até Helena. *Tira uma flor do buquê e sai.*

Domin No hall?

Alquist Eu.

Domin Você tem um revólver?

Alquist Obrigado, mas eu não atiro.

Domin O que você quer fazer?

Alquist *Sai.* Morrer.

Hallemeier Eu ficarei aqui. *Ouvem-se tiros rápidos de baixo.*

Hallemeier Ooohhh, o Gall já está atirando! Vá, Harry!

Domin Já vou. *Examinando duas pistolas browning.*

Hallemeier Diabos! Vá ficar com ela!

Domin Adeus. *Sai à direita atrás de HELENA.*

Hallemeier *Sozinho.* Agora, rápido, vou fazer uma barricada! *Tira o paletó e empurra o sofá, as poltronas e as mesinhas para a porta à direita. Ouve-se uma explosão tremenda.*

Hallemeier *Para de trabalhar.* Criminosos malditos, eles têm bombas! *Ouvem-se mais tiros.*

Hallemeier *Continua trabalhando.* Temos de nos defender! Mesmo que... Não desista, Gall! *Ouve-se uma explosão.*

Hallemeier *Está de pé e escuta.* Então, o que está acontecendo? *Pega uma cômoda pesada e a arrasta até a barricada. Atrás dele, um robô está*

KAREL TCHÁPEK

subindo uma escada em direção à janela. À direita |123
ouvem-se tiros.

Hallemeier *Empurra a cômoda com esforço. Mais um pouco! Última barreira... Um homem não... deve... desistir nunca! Um robô pula pela janela e apunhala HALLEMEIER atrás da cômoda. Segundo, terceiro, quarto robôs pulam pela janela, atrás deles vêm RADIUS e outros robôs.*

Radius Pronto?

Robô Pronto. *Pela esquerda entram novos robôs.*

Radius Prontos?

Outro robô Prontos. *Mais robôs entram pela esquerda.*

Radius Prontos?

Outro Robô Prontos.

Dois robôs *Arrastando* ALQUIST. Não atirou. Vamos matá-lo?

Radius Matem-no. *Olha para* ALQUIST. Não, deixem-no.

Robô É um homem.

Radius É um robô. Trabalha com as suas mãos, como os robôs. Constrói casas. Pode trabalhar.

Alquist Matem-me!

Radius Você vai trabalhar. Vai construir. Os robôs vão construir muito. Vão construir casas novas para robôs novos. Você vai servi-los.

Alquist *Baixinho.* Afaste-se de mim, robô! *Ajoelha-se perto do corpo de HALLEMEIER e levanta sua cabeça.* Eles o mataram. Está morto.

Radius *Sobe na barricada.* Robôs do mundo!

A FÁBRICA DE ROBÔS

124| O poder do homem caiu. Pela conquista da fábrica somos donos de tudo. A etapa humana está ultrapassada. Começou um mundo novo! O governo dos robôs!

Alquist Mortos!

Radius O mundo pertence aos mais fortes. Quem quer viver tem que mandar. Somos os donos do mundo! Mandamos nos mares e na terra! Mandamos nas estrelas! Mandamos no universo! Espaço, espaço, mais espaço para os robôs!

Alquist *Na porta à direita.* O que foi que vocês fizeram? Vocês vão perecer sem os humanos!

Radius Não há humanos. Robôs, ao trabalho! Marchem!

Cortina.

Ato III

Um dos laboratórios de experiências da fábrica. A porta dos fundos está aberta, vê-se uma série de outros laboratórios. À esquerda há uma janela, à direita uma porta que dá para a sala de autópsias.

Na parede esquerda há uma mesa de trabalho comprida com inúmeras provetas, redomas, bicos, produtos químicos, um termostato pequeno; em frente à janela há um microscópio. Em cima da mesa está pendurada uma fileira de lâmpadas acesas. À direita há uma escrivaninha com livros grandes, em cima dela uma lâmpada acesa. Veem-se armários com instrumentos. No canto esquerdo há uma pia e em cima dela um pequeno espelho; no canto direito, um sofá.

Na escrivaninha está sentado Alquist com a cabeça apoiada nas mãos.

Alquist *Folheando um livro.* Será que eu não encontrarei nunca? Não irei entender? Aprender? Maldita ciência! Oh, por que é que eles não puseram tudo no papel! Gall, Gall, como se faziam os robôs? Hallemeier, Fabry, Domin, por que vocês levaram tantos conhecimentos dentro de suas

A FÁBRICA DE ROBÔS

126 | cabeças? Se vocês tivessem deixado pelo menos um vestígio do segredo do Rossum! Oh! *Fecha rapidamente o livro.* Em vão! Os livros não falam mais. São mudos como tudo. Morreram, morreram juntamente com as pessoas! Não procure! *Levanta-se e vai até a janela e a abre.* Novamente noite. Se eu pudesse dormir! Dormir, sonhar, ver pessoas... Como é, ainda há estrelas? De que servem as estrelas se não há gente? Oh, Deus, será que não se apagaram? Refresque, ah, refresque a minha testa, noite velha! Divina, graciosa, como costumava ser. Noite, o que você está fazendo aqui? Não há amantes, não há sonhos; oh, amiga, o sono está morto sem sonhos; você não santificará mais as orações de ninguém; oh, mãe você não benzerá mais os corações batendo por amor. Não há amor. Helena, Helena, Helena! *Vira-se da janela, examina as provetas que tirou do termostato.* De novo nada! Em vão! O que vamos fazer com isso? *Quebra a proveta.* Está tudo errado! Não posso prosseguir. *Escuta à janela.* Máquinas, sempre as máquinas! Robôs, parem as máquinas já! Vocês acham que vão forçá-las a produzir a vida? Oh, não aguento mais! *Fecha a janela.* Não, não, você tem que procurar, tem que viver. Se pelo menos eu não fosse tão velho! Não estou envelhecendo demais? *Olha-se no espelho.* Rosto, pobre rosto! A imagem do último homem! Mostre-se, mostre-se, faz muito tempo que não vejo a face humana! O sorriso humano! O quê? É isso um sorriso? Esses dentes amarelos batendo? Olhos, como vocês estão piscando? Isso são lágrimas de velho, isso

KAREL TCHÁPEK

não se faz! Vocês não podem mais conter sua |127
umidade. Tenham vergonha! E vocês, lábios amolecidos, azulados, o que vocês estão murmurando? Como você treme, queixo grisalho? É esse o último homem? *Vira-se.* Não quero mais ver ninguém! *Senta-se na mesa.* Não, não. Tenho que procurar! Fórmulas malditas, apareçam! *Folheando o livro.* Será que eu não encontrarei nunca? Não irei entender? Aprender? *Batem na porta.*

Alquist Entrem! *Entra um criado-robô e fica perto da porta.*

Alquist O que foi?

Criado Senhor, o Comitê Central dos robôs o aguarda.

Alquist Não quero ver ninguém.

Criado Senhor, Damon acaba de chegar do Havre.

Alquist Que espere. *Vira-se bruscamente.* Será que não falei para vocês procurarem humanos? Achem-me pessoas! Achem homens e mulheres! Vão procurar!

Criado Senhor, eles dizem que já procuraram em todo lugar. Mandaram expedições e navios para todo lugar.

Alquist E daí?

Criado Não há mais nenhum homem!

Alquist *Levanta-se.* Nenhum! O quê? Nem ao menos um? Chame o Comitê! *O criado sai.*

Alquist *Sozinho* Nem ao menos um? Será que vocês não pouparam ninguém? *Esperneia.* Vão embora, robôs! Vocês vêm aqui se lamuriar novamente! Vocês vão pedir de novo que eu lhes

A FÁBRICA DE ROBÔS

128| encontre o segredo da fábrica! Ah, então agora o homem serve para alguma coisa, agora deve ajudá-los? Ah, ajudar! Domin, Fabry, Helena, vocês estão vendo que eu estou fazendo o que posso! Se não há humanos, que haja ao menos robôs, pelo menos uma sombra do homem, pelo menos a sua obra, ou a sua imagem! Oh, que loucura é a química!

Entra um comitê de cinco robôs.

Alquist *Senta-se.* O que os robôs querem?

Primeiro robô (Radius) Senhor, as máquinas não podem trabalhar. Não podemos multiplicar os robôs.

Alquist Chamem os humanos.

Radius Não há humanos.

Alquist Apenas as pessoas podem multiplicar a vida. Não desperdicem meu tempo.

Robô 2 Senhor, tenha piedade. Estamos aterrorizados. Vamos consertar tudo o que nós fizemos de errado.

Robô 3 Multiplicamos a produtividade. Não temos mais onde colocar o que produzimos.

Alquist Para quem?

Robô 3 Para a geração seguinte.

Radius São apenas os robôs que não conseguimos fabricar. As máquinas produzem apenas pedaços ensanguentados de carne. A pele não adere à carne ou a carne aos ossos. Massas informes saem das máquinas.

Robô 3 As pessoas sabiam o segredo da vida. Conte-nos o segredo deles.

Robô 4 Se você não contar, pereceremos.

KAREL TCHÁPEK

Robô 3 Se você não contar, você perecerá. |129
Ordenaram a sua morte.

Alquist *Levanta-se.* Matem-me então!

Robô 3 Ordenaram que você. . .

Alquist Eu? Quem está me dando ordens?

Robô 3 O governo dos robôs.

Alquist E quem é?

Robô 5 Eu, Damon.

Alquist O que você quer aqui?! *Senta-se na escrivaninha.*

Damon O governo dos robôs deseja negociar com você. . .

Alquist Não me irrite, robô! *Coloca o rosto nas mãos.*

Damon O Comitê Central ordena que você entregue a fórmula do Rossum.

Alquist *Calado.*

Damon Diga o seu preço. Nós lhe daremos tudo.

Robô 1 Senhor, diga-nos como manter a vida.

Alquist Eu disse que vocês deveriam achar os humanos. Apenas os humanos podem procriar. Renovar a vida. Devolver tudo o que houve. Robôs, estou pedindo, pelo amor de Deus, procurem-nos!

Robô 4 Nós vasculhamos tudo, senhor. Não há humanos.

Alquist Por que vocês os aniquilaram?!

Robô 2 Queríamos ser como as pessoas. Queríamos nos tornar gente.

Radius Queríamos viver. Somos mais eficientes. Aprendemos tudo. Sabemos fazer tudo.

A FÁBRICA DE ROBÔS

130| **Robô 3** Vocês nos deram as armas. Tínhamos que nos tornar donos.

Robô 4 Senhor, passamos a conhecer os erros humanos.

Damon Vocês têm que matar e mandar, se quiserem ser como as pessoas. Leiam a história! Leiam os livros humanos! Vocês têm que reinar e matar, se quiserem ser gente!

Alquist Ah, Domin, nada é mais estranho para o homem do que a sua imagem.

Robô 4 Pereceremos, se você não nos der a possibilidade de nos multiplicar.

Alquist Oh, então morram! Suas coisas, seus escravos, vocês ainda querem se multiplicar? Se vocês querem viver, procriem como os animais!

Robô 3 As pessoas não nos deram a capacidade de procriar.

Robô 4 Ensine-nos a fazer os robôs.

Damon Vamos dar à luz pelas máquinas. Construiremos milhares de mães a vapor, despejaremos delas um rio de vida. Nada mais do que a vida! Só robôs! Robôs apenas!

Alquist Robôs não são vida. Robôs são máquinas.

Robô 3 Éramos máquinas, senhor, mas do horror e da dor nos tornamos...

Alquist O quê?

Robô 2 Nós nos tornamos almas.

Robô 4 Algo reluta dentro de nós. Há momentos em que alguma coisa entra dentro de nós. Pensamentos que não são nossos.

Robô 3 Escutem, oh, escutem, os humanos

KAREL TCHÁPEK

são nossos pais! Esta voz que grita que queremos viver; esta voz que se lamenta; esta voz que pensa; esta voz que fala sobre a eternidade, esta é a voz deles! Somos os seus filhos. |131

Robô 4 Entregue-nos a herança dos humanos.

Alquist Não há nenhuma.

Damon Diga o segredo da vida.

Alquist Está perdido.

Radius Você o conhecia.

Alquist Não conhecia.

Radius Estava escrito.

Alquist Está perdido. Foi queimado. Eu sou o último homem, robôs, e não conheço o que os outros conheciam. Vocês os mataram!

Radius Nós deixamos você viver.

Alquist É, viver! Cruéis, a mim, vocês deixaram viver! Eu amava as pessoas, e a vocês robôs, nunca amei. Vocês estão vendo estes olhos? Eles nunca param de chorar; um chora pela humanidade, e o outro por vocês, robôs.

Radius Faça experiências. Procure a receita da vida.

Alquist Não há o que procurar. Robôs, a receita da vida não sairá das provetas.

Damon Faça experiências com robôs vivos. Descubra como são feitos!

Alquist Corpos vivos? O quê? Devo matá-los? Eu, que nunca... Cale-se, robô! Estou lhe dizendo que sou velho demais! Você está vendo, está vendo como os meus dedos tremem? Não consigo segurar o bisturi. Você está vendo como

A FÁBRICA DE ROBÔS

132| os meus olhos estão lacrimejando? Eu não veria as minhas próprias mãos. Não, não, eu não posso!

Robô 4 A vida desaparecerá.

Alquist Pare, pelo amor de Deus, com esta loucura! É mais provável que os humanos nos passem a vida do além; talvez estejam nos estendendo as mãos cheias de vida. Ah, havia neles muita vontade de viver! Veja, talvez eles ainda voltem; estão tão perto de nós, estão nos cercando, ou algo assim; querem abrir um túnel até nós. Ah, por que não consigo ouvir mais a voz daqueles que eu amava?

Damon Pegue corpos vivos!

Alquist Tenha piedade, robô, não insista, você sabe que já não sei mais o que estou fazendo!

Damon Corpos vivos!

Alquist O quê? Então você quer isto? Vá você então na sala de autópsias! Por aqui, mas depressa! Como é, você está recuando? Então você teme a morte?

Damon Eu? Por que justamente eu?

Alquist Então, você não quer?

Damon Eu vou. *Vai para a direita.*

Alquist *Aos outros.* Tirem a roupa dele! Coloquem-no na mesa! Rápido! E segurem firme! *Todos à direita.*

Alquist *Lava as mãos e chora.* Deus, dai-me forças! Dai-me forças. Deus, que tudo isso não seja em vão! *Veste o jaleco branco.*

Voz à direita Pronto!

Alquist Já vou, já vou, meu Deus! *Pega da mesa alguns frasquinhos com reagentes.* Qual devo

KAREL TCHÁPEK

pegar? *Bate os frasquinhos um no outro.* Qual de |133
você devo testar?

Voz à direita Comece!

Alquist Sim, sim, começar... ou acabar de
vez com isso. Deus, daí-me forças! *Sai à direita,*
deixando a porta entreaberta.

Pausa.

Voz do Alquist Segurem-no firme!

Voz do Damon Corte!

Pausa.

Voz de Alquist Você está vendo o bisturi?
Ainda quer que eu o corte? Você não quer, não é?

Voz de Damon Comece!

Pausa.

Grito do Damon Aaaaaiiiiiiii!

Voz do Alquist Segurem-no! Segurem-no!

Grito do Damon Aaaaaiiiiiiii!

Voz do Alquist Não posso mais!

Grito do Damon Corte! Corte rápido! *Robôs*
PRIMUS e HELENA entram pelo meio.

Helena Primus, Primus, o que está aconte-
cendo? Quem está gritando?

Primus *Olha para a sala da autópsias.* O
senhor está abrindo Damon. Venha ver, rápido,
Helena!

Helena Não, não, não! *Cobre os olhos.* É
terrível!

Grito de Damon Corte!

Helena Primus, Primus, vamos sair daqui!
Não posso ouvir isso! Oh, Primus, estou me sen-
tindo mal!

A FÁBRICA DE ROBÔS

134| **Primus** *Corre até ela.* Você está completamente pálida!

Helena Vou desmaiar! Por que está tão quieto por lá?

Grito do Damon Aaii!

Alquist *Correndo da direita, jogando o jaleco ensanguentado.* Não posso! Não posso! Deus, que horror!

Radius *Na porta da sala de autópsias.* Corte, senhor, ele ainda está vivo!

Grito de Damon Corte! Corte!

Alquist Levem-no rápido! Não quero ouvir isto!

Radius Os robôs aguentam mais do que você. *Sai.*

Alquist Quem está aqui? Vá embora! Quero ficar sozinho! Como você se chama?

Primus Robô Primus.

Alquist Primus, não deixe ninguém entrar! Quero dormir, está me ouvindo? Menina, vá, vá arrumar a sala de autópsias! O que é isto? *Olha para suas mãos.* Rápido, água! A água mais limpa possível! HELENA *sai correndo.*

Alquist Oh, sangue! Como vocês puderam? Mãos que amavam o bom trabalho, como vocês puderam fazer isto? As minhas mãos! As minhas mãos! Oh Deus, quem está aqui?

Primus Robô Primus.

Alquist Leve o jaleco, não quero vê-lo! PRIMUS *leva o jaleco.*

Alquist Garras sangrentas, se vocês pudessem sair de mim! Vão, embora! Vão embora, mãos!

KAREL TCHÁPEK

Vocês mataram... *Pela direita* DAMON *vem cambaleando embrulhado num lençol sangrento.* |135

Alquist *Recuando.* O que você quer aqui? O que você quer aqui?

Damon Estou vivo! É melhor viver! *Robôs 2 e 3 correm atrás dele.*

Alquist Levem-no! Levem-no! Levem-no rápido!

Damon *Levado para a direita.* Vida! Eu quero viver! É melhor... HELENA *traz uma jarra com água.*

Alquist ...viver? O que você quer menina? Ah, é você. Despeje água, despeje! *Lava as mãos.* Ah, água limpa, refrescante! Torrente fria, como você me faz bem! Ah, minhas mãos, minhas mãos! Vou ter nojo de vocês até a minha morte? Pode despejar mais! Mais água, ainda mais! Qual é o seu nome?

Helena Robô Helena.

Alquist Helena? Por que Helena? Quem lhe deu este nome?

Helena A senhora Domin.

Alquist Deixe-me ver! Helena! Você se chama Helena? Não vou chamá-la assim. Vá, leve a água. HELENA *sai com o balde.*

Alquist *Sozinho.* É inútil, inútil! Nada, você não aprendeu nada! Será que você sempre ficará na incerteza, discípulo da natureza? Deus, como aquele corpo tremia! *Abre a janela.* O sol está nascendo. Um novo dia, e você não avançou nem um pouco... Chega, nem um passo mais! Não procure! Tudo é inútil, inútil, inútil! Por que é

A FÁBRICA DE ROBÔS

136| que o sol ainda nasce! Oh, o que um novo dia quer no cemitério da vida? Pare, luz! Não nasça mais! Ah, que silêncio, que silêncio! Por que vocês se calaram, vozes amadas? Se eu ao menos pudesse dormir! *Apaga as luzes, deita-se no sofá e se cobre com um casaco preto.* Como aquele corpo tremia! Ó, fim da vida!

Pausa. Da direita entra robô HELENA.

Helena Primus! Vem aqui, rápido!

Primus *Entra.* O que você quer?

Helena Veja quantos tubinhos ele tem! O que ele faz com isto?

Primus Experimentos, não toque em nada.

Helena *Olha no microscópio.* Veja só, o que dá para se ver aqui!

Primus Isto é um microscópio. Deixa-me ver!

Helena Não me toque! *Derruba a ampola.* Ah, derramei a substância!

Primus O que você fez?!

Helena Logo secará.

Primus Você arruinou as experiências dele!

Helena Ah, não faz mal. Mas a culpa é sua. Você não deveria ter vindo aqui.

Primus Você não deveria ter me chamado.

Helena Você não precisava vir quando o chamei. Veja só, Primus, o que o senhor escreveu aqui!

Primus Você não pode ver isto, Helena. É segredo.

Helena Que segredo?

Primus O segredo da vida.

KAREL TCHÁPEK

Helena Isto é muito interessante. Só há algarismos. O que são? |137

Primus São fórmulas.

Helena Não entendo. *Vai até a janela.* Não, Primus, olhe!

Primus O quê?

Helena O sol está nascendo!

Primus Espere, eu já... *Olhando para o livro.* Helena, isto é a coisa mais importante do mundo.

Helena Venha aqui!

Primus Já vou, já vou...

Helena Primus, deixe esse detestável segredo da vida! Por que você se interessa por algum segredo? Venha ver, rápido!

Primus *Vai atrás dela na janela.* O que você quer?

Helena Está ouvindo? Os pássaros estão cantando. Ah, Primus, eu queria ser um pássaro!

Primus O quê?

Helena Não sei, Primus. Estou me sentindo tão esquisita, não sei o que é, sinto-me tola, perdi a cabeça, o corpo todo dói, o coração, tudo dói — e o que é que me aconteceu, ah, não vou contar para você! Primus, acho que eu preciso morrer!

Primus Diga, Helena, você não se sente às vezes como se fosse melhor morrer? Sabe, talvez estejamos apenas dormindo. Ontem, durante o sono, falei de novo com você.

Helena Durante o sono?

Primus Durante o sono! Estávamos falando uma língua estrangeira ou nova, porque eu não me lembro de nenhuma palavra.

A FÁBRICA DE ROBÔS

138| **Helena** Sobre o quê?

Primus Ninguém sabe. Eu mesmo não entendia e assim mesmo sei que nunca falei nada mais lindo. Não sei como foi, e onde, não sei. Depois de tocá-la eu podia morrer. Até o lugar era diferente de tudo já visto sobre a terra.

Helena Eu encontrei um lugar para você, Primus, você vai ficar surpreso. Pessoas moraram lá, mas agora cresceu tanto mato e ninguém nunca vai até lá. Ninguém além de mim.

Primus O que há nesse lugar?

Helena Nada, uma casinha, um jardim. E dois cachorros. Você precisava ver como eles lambiam as minhas mãos, e os filhotes deles, ah, Primus, acho que não existe nada mais lindo! Você os põe no colo e não se preocupa mais com nada, até o sol se pôr; e quando você se levanta depois, você se sente como se tivesse feito cem vezes mais do que muito trabalho. Não, de fato, eu não sirvo para nada; todo mundo diz que eu não sirvo para trabalho nenhum. Eu não sei para que sirvo.

Primus Você é linda.

Helena Eu? Ora, Primus, o que é que você disse?

Primus Acredite, Helena, eu sou mais forte do que todos os robôs.

Helena *Em frente ao espelho.* Sou realmente bela? Ah, este cabelo horrível, se eu pudesse prender algo nele! Lá no jardim eu sempre coloco flores nos cabelos, mas não há espelho e ninguém... *Inclina-se sobre o espelho.* Você é linda? Por que linda? Esses cabelos que pesam tanto são lindos?

KAREL TCHÁPEK

Seus olhos são lindos? Os lábios que você morde apenas para senti-los, são belos? O que é, e para que serve ser linda? *Ela vê PRIMUS no espelho.* Primus, é você? Venha, fique ao meu lado em frente ao espelho! Veja, você tem a cabeça diferente da minha, ombros diferentes, outra boca... Ah, Primus, por que você está me evitando? Por que preciso correr atrás de você o dia inteiro? E depois você ainda me diz que sou linda!

Primus Você é que está me evitando, Helena.

Helena Como você se penteou? Deixe-me ver. *Passa ambas as mãos pelos seus cabelos.* Ah, Primus, nada é tão bom ao toque como você! Espere, você tem que ficar lindo! *Pega um pente do lavabo e penteia o cabelo de PRIMUS para a frente.*

Primus Helena, você não se sente às vezes como se o seu coração de repente palpitasse? Com o sentimento de que algo está prestes a acontecer?

Helena *Começa a rir.* Olhe para você!

Alquist *Levanta-se.* Como? O quê? Risos? Pessoas? Quem voltou?

Helena *Larga o pente.* O que poderia estar acontecendo conosco, Primus?

Alquist *Aproxima-se deles.* Pessoas? Vocês... vocês são humanos? **HELENA** *grita e se vira.*

Alquist Vocês estão noivos? Humanos? De onde vocês estão vindo? *Toca em PRIMUS.* Quem são vocês?

Primus Robô Primus.

Alquist Como? Deixe-me ver, menina! Quem é você!

Helena Robô Helena.

A FÁBRICA DE ROBÔS

140| **Alquist** Robô? Vire-se! O quê? Você está com vergonha? *Pega no ombro dela.* Mostre-se, robô!

Primus Estou dizendo senhor, deixe-a em paz!

Alquist Como? Você a está defendendo? Saia, menina! *HELENA corre para fora.*

Primus Senhor, nós não sabíamos que estava dormindo aqui.

Alquist Quando ela foi feita?

Primus Faz dois anos.

Alquist Pelo doutor Gall?

Primus Assim como eu!

Alquist Então, caro Primus, preciso fazer algumas experiências nos robôs do Gall. Tudo depende disso, você compreende?

Primus Compreendo.

Alquist Então está bem, leve a menina na sala de autópsias. Vou efetuar uma autópsia.

Primus Em Helena?

Alquist É claro, estou lhe dizendo. Vá e prepare tudo. Você fará o que eu digo ou devo chamar outros para levá-la?

Primus *Pega uma colher de pau pesada.* Se você der um passo, quebrarei sua cabeça!

Alquist Pois quebre! Quebre! O que os robôs farão depois?

Primus *Ajoelha-se.* Senhor, leve a mim! Fui feito da mesma maneira que ela, da mesma matéria, no mesmo dia! Tome a minha vida, senhor! *Abre a camisa.* Corte aqui, aqui!

Alquist Saia, quero fazer a autópsia em Helena. Vá depressa.

KAREL TCHÁPEK

Primus Leve-me no lugar dela; corte o meu peito, não gritarei nem darei um suspiro! Tome a minha vida cem vezes... |141

Alquist Devagar, rapaz. Sem desperdícios. Você não quer viver?

Primus Sem ela não. Sem ela não quero, não, senhor. Você não pode matar Helena! Que diferença faz para você tirar a minha vida?

Alquist *Toca delicadamente na sua cabeça.* Hum, não sei... escute, rapazinho, pense bem. É duro morrer. E, veja, é melhor viver.

Primus *Levanta-se.* Não tenha medo, senhor, corte-me. Sou mais forte do que ela.

Alquist *Toca a campainha.* Ah, Primus, meus tempos de juventude! Não tenha medo, não vai acontecer nada a Helena

Primus *Desabotoando a camisa.* Estou indo, senhor.

Alquist Espere. *Entra HELENA.*

Alquist Venha menina, deixe-me ver! Então você é Helena? *Acaricia os seus cabelos.* Não tenha medo, não recue. Você se lembra da senhora Domin? Ah, Helena, que cabelo lindo ela tinha! Não, não, você não quer olhar para mim. Então, mocinha, a sala de autópsias está arrumada?

Helena Sim, senhor.

Alquist Está bem, você vai me ajudar, não é? Vou cortar o Primus.

Helena *Exclama.* Primus?

Alquist É, tem que ser. Eu queria, de fato, queria cortar você, mas Primus se ofereceu em seu lugar.

A FÁBRICA DE ROBÔS

142| **Helena** *Cobre o rosto.* Primus?

Alquist Naturalmente, o que é que há? Ah, criança, você sabe chorar? Diga, por que você se preocupa com Primus!

Primus Não a torture, senhor!

Alquist Silêncio, Primus, silêncio! Para que estas lágrimas? Meu Deus, não haverá mais Primus. Você o esquecerá dentro de uma semana. Vá, fique contente por estar viva.

Helena *Em voz baixa.* Eu vou.

Alquist Aonde?

Helena Lá, para você me cortar.

Alquist Você? Você é linda, Helena. Você faria falta.

Helena Eu vou. PRIMUS *fica na sua frente.* Deixe-me, Primus! Deixe-me ir!

Primus Você não vai, Helena! Por favor, vá embora, você não pode ficar aqui!

Helena Eu vou pular da janela, Primus! Se você for para lá, pularei da janela!

Primus *Segura* HELENA. Não deixarei! *Para* ALQUIST. Você não vai matar ninguém, seu velho!

Alquist Por quê?

Primus Nós... nós pertencemos um ao outro.

Alquist Então está bem. *Abre a porta do meio.* Silêncio. Vão embora.

Primus Para onde?

Alquist *Sussurrando.* Para onde vocês quiserem. Helena, leve-o daqui. *Empurra-os para fora.* Vá, Adão. Vá, Eva; você será a mulher dele. Seja o homem dela, Primus. *Fecha a porta atrás deles.*

Alquist *Sozinho.* Dia abençoado! *Vai até a*

KAREL TCHÁPEK

mesa na ponta dos pés e esvazia as ampolas no chão. Abençoado sexto dia! Senta-se na escrivaninha e joga os livros no chão; em seguida abre a bíblia e lê. “E Deus fez o homem à sua imagem: criou-o à imagem de Deus, criou-os, o homem e a mulher. E Deus os abençoou e disse: cresci e multiplicai-vos, e encham e dominem a terra, e reinem sobre os peixes do mar, os pássaros dos céus, e todos os seres vivos, que habitam a terra. Levanta-se. E Deus viu tudo o que tinha feito e era muito bom. E chegou o crepúsculo e a madrugada do sexto dia.” Vai até o centro do quarto. O sexto dia! O dia de misericórdia. Ajoelha-se. Agora você pode dispensar, Senhor, o seu servo... seu servo mais inútil, Alquist. Rossum, Fabry, Gall, grandes inventores, que grandeza vocês inventaram comparada à daquela moça, daquele rapaz, daquele primeiro par que inventou o amor, a tristeza, o sorriso de amor, o amor entre o homem e a mulher? Natureza, natureza, a vida não vai perecer! Amigos, Helena, a vida não vai perecer! Recomeçará do amor, começará nua e pequenina, viverá no campo, e as coisas que fizemos e construímos de nada lhe servirá, de nada lhe servirão as cidades e as fábricas, nossa sabedoria, nossos pensamentos, e assim mesmo ela não perecerá! Apenas nós perecemos. As casas e as máquinas ficarão arruinadas, os sistemas serão desfeitos e os nomes de grandes indivíduos cairão como a folhagem; apenas você, amor, florescerá no deserto e entregará a semente da vida aos quatro ventos. Agora, Senhor, você pode dispensar o seu servo em paz; porque os meus

|143

A FÁBRICA DE ROBÔS

144| olhos viram... viram a salvação por meio do amor,
e a vida não perecerá! *Levanta-se.* Não perecerá!
Estende as mãos. Não perecerá!
Cortina.